

a MORTE

de *Ahasverus*

PÄR LAGERKVIST



A FASCINANTE HISTÓRIA DE UM HOMEM EM BUSCA DA SUA LIBERTAÇÃO,
ESCRITA POR UM LAUREADO DO PRÊMIO NOBEL.

Esta obra recente do grande roman-
cista sueco, vencedor do Prêmio Nobel
de Literatura, terá significados diversos
para pessoas diferentes, mas, seja o que
fôr que se procure extrair de seu simbo-
lismo, os leitores encontrarão aqui uma
mensagem para o mundo moderno. Es-
crita num estilo de simplicidade apenas
aparente, o que nos transmite se embebe
no misticismo do autor ainda mais do
que o demonstraram suas obras anterio-
res, como "Barrabás" e "A Sibila". O
ambiente é medieval e, no fim, Ahasve-
rus, o Judeu Errante da lenda, conde-
nado a viver vagando por todos os sé-
culos, em razão de haver negado um
instante de repouso a Jesus, quando se
arrastava a caminho do Calvário, conse-
gue alcançar a sua libertação.

Pär Lagerkvist utiliza materiais do
passado para exprimir idéias moder-
nas, mostrando como a procura de Deus
é uma jornada torturante e
como só através dela o ho-
mem encontrará a sua reali-
zação.



EDITORA GLOBO

RIO DE JANEIRO - PORTO ALEGRE - SÃO PAULO



PAR FABIAN LAGERKVIST nasceu em 1891 em Våxjö, na Suécia, filho de um chefe de estação. Em 1912 estudou na Universidade de Upsala, e viveu na Dinamarca de 1915 a 1919. Nesse ano, trabalhou para o jornal Svenska Dagbladet, de Estocolmo, como crítico de teatro. Em 1913, visitou Paris, vivendo na França de 1920 a 1925, e depois, de 1928 a 1930. Os anos intermediários passou-os na Itália. Mais tarde visitou o Egito, a Palestina e a Grécia, tomando contato com aquele Oriente que seria o cenário de muitas de suas obras, inclusive o famoso romance "Barrabás" (1950). Exceto por ocasionais visitas à Noruega e à Dinamarca, viveu na Suécia até 1947, quando tornou a visitar a França e a Itália. Em 1940 foi eleito membro da Academia de Letras da Suécia, e em 1951 foi-lhe conferido o Prêmio Nobel.

Tendo se distinguido como poeta, dramaturgo e contista, Lagerkvist tornou-se, de expoente do universo caótico e angustiado, surgido após a Primeira Guerra Mundial, em um escritor cheio de sensibilidade e fé humanística, encobertas por uma forma clássica e pela ironia. Utiliza-se dos materiais do passado para exprimir idéias modernas. Durante meio século desenvolveu sua criatividade artística, abrangendo suas obras mais de trinta e cinco volumes de ficção, teatro, poesia e ensaios. Embora seu renome a princípio se baseasse na filosofia contida em suas peças teatrais, numerosas traduções de sua obra de ficção granjearam-lhe muitos admiradores em todo o mundo.

Seu romance "Barrabás" acaba de ser convertido ao cinema, em Roma, após uma primeira versão sueca sob a direção do insigne cineasta Alf Sjöberg. As obras de Lagerkvist estão adquirindo cada vez maior repercussão internacional, através do crescente número de traduções, em todas as línguas. A MORTE DE AHASVERUS, inspirada na lenda do judeu errante, foi escrita em 1960 e é um dos mais extraordinários testemunhos do talento de Lagerkvist.

Pär Lagerkvist
(PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA)

A MORTE DE AHASVERUS

Tradução de
MILTON AMADO



EDITORA GLOBO
RIO DE JANEIRO — PÓRTO ALEGRE — SÃO PAULO

Título da edição original sueca:
AHASVERUS DÖD
publicada por **Albert Bonniers Förlag A. B.**

Capa de
CLARA PECHANSKY

1964

DIREITOS EXCLUSIVOS DE TRADUÇÃO, PARA O BRASIL, DA
EDITORA GLOBO S. A. — PORTO ALEGRE — RIO GRANDE DO SUL
ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NUMA HOSPEDARIA para peregrinos que iam à Terra Santa, chegou certa noite um homem que parecia perseguido pelos raios, pois, quando escancarou a porta, o céu inteiro se esbraceou às suas costas; vento e chuva arremessaram-se a êle, enquanto se esforçava por fechar a porta de novo. Quando, afinal, o conseguiu, virou-se para a sala escura, iluminada apenas por umas poucas e fumarentas lâmpadas a óleo, parecendo não saber onde se encontrava. Era um aposento grande e nu, e tal escuridão reinava em sua extremidade mais distante, que nada lhe foi possível discernir ali. A parte que podia ver, entretanto, estava cheia de pessoas ajoelhadas na palha suja, lamacenta, que cobria o chão. Parecia que rezavam; delas provinha um murmúrio confuso, mas não lhes podia ver as faces, porque estavam tôdas voltadas: ajoelhavam-se de costas para êle. O ar pesava, abafava; para quem vinha de fora, era quase nauseante, difícil de respirar. Que lugar seria êsse?

Não longe da porta, sentados a tôscas mesas de madeira, alguns homens de rostos rudes jogavam dados e bebiam. Lá também se achava um par de mulheres, penduradas ao pescoço dos homens e provavelmente tão embriagadas quanto êles. Uma delas ergueu a vista ramelosa para o estranho que parecia perseguido pelos raios. Mas ninguém mais chegou sequer a notar que êle ali estava.

Não havia lugar vago, exceto junto a uma das mesas. Sentava-se ali um homem, inteiramente só. Olhava para a frente, abstraído, preocupado com seus próprios pensamentos. Era de meia-idade, magro e ossudo; tinha as pernas inteiramente espichadas por baixo da mesa e um cão se enrodilhara a seus pés. O desconhecido encaminhou-se para lá e sentou-se perto dêle.

O homem não levantou os olhos, nem pareceu notar que alguém se havia aproximado. Também o estranho não mostrou tomar ciência dêle, além de lançar-lhe ao rosto um olhar de esgueirha. Era um rosto ríspido, fechado, coberto de eriçada barba avermelhada, com uma bôca de áspero corte; não dava ensejo a qualquer aproximação. As mãos compridas e delgadas, de

costas cabeludas, pousavam na mesa à sua frente, iluminadas pela chamazinha da lâmpada a óleo que bruxuleava ao sôpro de ar vindo da porta, como um pequeno animal amedrontado naquela grande sala soturna.

O murmúrio dos que rezavam podia ser ouvido continuamente, de mistura com o rolar dos dados nas mesas e com as vozes ébrias e as risadas dos jogadores. Lá fora, o temporal chegava ao ápice, arremetendo contra a parede por trás da mesa; a chuva batia nessa parede bem como numa janelinha por cima de suas cabeças e matraqueava de encontro ao anteparo de vidro.

O desconhecido tornou a olhar para o homem a seu lado. Inútil seria perguntar-lhe qualquer coisa: ou onde se achavam, ou que estranho lugar era aquêle, tão alto nas montanhas.

O cão mexeu-se, virou-se e tornou a acomodar-se junto aos pés do homem, com débil uivo. O homem não lhe parecia dar qualquer atenção, ou talvez nem tivesse notado que êle se movera e se esfregara de encontro a seus sapatos fendidos e gastos.

De súbito, a sala inteira foi iluminada por um relâmpago tremendo; o trovão estrondou quase simultâneamente e rosou por muito

tempo depois, entre as montanhas. O estranho olhou em volta de si e ergueu a vista para a janela, que resplandecera ao relâmpago, mas estava agora escura como antes. Nenhuma outra pessoa pareceu incomodar-se de qualquer forma com a tormenta furiosa que os mantinha ali encerrados. Por que eram tantos os que estavam ali? Por que se ajoelhavam na palha?

De uma das mesas onde estavam sentados os ébrios, uma mulher levantou-se e veio, a cambalear, na direção dos dois. Deteve-se, olhou por um momento o homem com o cão e depois sentou-se em frente a êle. Por longo tempo nada disse; limitava-se a olhá-lo, com um sorriso torto, escarninho. Sua bôca se retorcia ao sorrir. Estava evidentemente ébria e não se incomodava em disfarçá-lo. Tinha os cabelos em desordem, espessos, de um vermelho-escuro, por cima do rosto devastado, que outrora fôra muito belo — tão belo que ainda agora quase o era. Até mesmo sua bôca zombeteira era bela, grande, cheia; uma bôca que atraía os homens.

— Por que não estás bebendo? — disse ela, afinal, com voz inesperadamente profunda.

Vendo que êle não dava resposta, encolheu um ombro com desprêzo.

— Eu estou bebendo. Isso te importa? Importa-te que eu beba? Dize!

— Por que me importaria? — E o homem virou-se, olhando-a pela primeira vez.

— É, por que te importarias? Afinal de contas, foste tu quem me ensinou.

Virou-se para o outro homem à mesa, para o misterioso desconhecido que ali entrara perseguido pelos raios.

— Foi êle quem me ensinou a beber, sabe? Êle me ensinou tudo. Ensinou-me desde o princípio... e é por isso que sou o que sou. Tudo é obra dêle. Teve êxito, não acha? Devia estar contente consigo mesmo. Começou violentando-me... ensinou-me isso. Depois, ensinou tôdas as outras coisas. Começou com a mais importante. Não é verdade? Não é? Tu não eras tão santo naqueles dias: não eras, exatamente, um peregrino piedoso. Não te comportavas muito como um homem a caminho de Jerusalém. Ou, se o fazias, estavas a fazê-lo de um modo muito engraçado.

“Ele vai para Jerusalém, vê? Não, não o vê, porque êle não tem a aparência disso... não se parece com um peregrino... mas é para

lá que êle vai. Para a Terra Santa. Isto é, se escapar da fôrça.”

O desconhecido olhou para ela, interrogativo, e depois para o homem, e depois para os que estavam rezando.

— Ê engraçado êste lugar, não acha? Peregrinos e malfeitores, velhacos e santos, todos misturados. Posso dizer que não é fácil identificá-los separadamente, pois algum daqueles sujeitos que estão rezando ali pode ser um patife pior do que qualquer de nós; pode ser um de nós, de fato ... e pode ter roubado algum irmão simplório ajoelhado a seu lado. Nunca se sabe. E por que não? Êle também precisa viver. Todos precisam viver, embora ninguém saiba por que razão isso deva ser tão necessário. E aqui todos vivem à custa dos peregrinos, à custa de tôda essa gente maluca que se mostra desesperada por chegar ao que chamam Terra Santa. Por que lhe dão êsse nome, não sei, mas acho que se deve dar-lhe algum nome. E êles trazem consigo todos os seus bens: seus anéis e braceletes, suas taças e colheres de prata. Trazem os ducados costurados dentro das roupas, o que torna incômodo alcançá-los. Essa gente parece pobre, mas pode estar seguro

de que não o é... e isto é uma boa coisa; do contrário, que seria de nós, os outros? Alguns são ricos como nem lhe pareceria crível. Mas êsses não estão aqui, naturalmente, em meio a esta palha imunda. Não, êsses dormem nos quartos lá de cima da casa, quartos grandes, para fidalgos. Têm criados que cuidam dêles da manhã à noite, e cocheiros, e tudo, pois viajam em suas próprias carruagens para o sepulcro de seu salvador* e vivem como estão acostumados a viver, durante todo o caminho até lá. E por que não? Nisso nada há de errado... que o façam! Mas o que me intriga é que, dêsse modo, seus criados se tornam peregrinos também; vão ter também ao santo sepulcro, do mesmo modo que os fidalgos. Que se poderia dizer disso? Certamente êles não devem ser contados como peregrinos, devem? Não, creio que não.

“Mas um dêles, sabe, um dêles é tão importante que tem um rosário inteiro de carruagens. Nem mesmo sei quantas. É um nobre com um nome tão grandioso que ninguém o pode sequer pronunciar, e trouxe mais criados consigo do

* Em todo êste livro, o uso que o autor faz de letras maiúsculas com referência a Cristo ou à divindade reflete o grau de crença religiosa dos personagens. (*Nota do Editor.*)

que se pode imaginar, embora esteja inteiramente sòzinho. Que acha disso? Servos e lacaios correm à volta dêle para onde quer que vá, e procuram adivinhar o que êle quer, antes mesmo que abra a bôca. Nunca se viu ninguém ser atendido de tal maneira. Dizem que êle nem mesmo limpa a própria pôpa, e deve ser verdade, pois é êste o aspecto que êle tem. E numa de suas carruagens tem um cofre com dinheiro, tão pesado que mal o podem mover, é o que se diz. Mas se êsse cofre ainda estiver com êle quando chegar a Jerusalém, isto é outra coisa. Certamente, será melhor que o perca, considerando quanto é difícil para um rico passar pelo buraco de uma agulha. Como diz a Escriitura. Porque isso está mesmo na Escriitura, não está? Hem?”

O murmúrio das orações cessara e o desconhecido, ao se voltar, viu que todos se estavam preparando para passar a noite, enrolando as capas como travesseiros e deitando-se para repousar na palha suja. Deitavam-se inteiramente vestidos, como se dispostos a partir a qualquer instante e reencetar a viagem.

Tentou ver-lhes os rostos; queria muito vê-los, e muitas das pessoas estavam agora com

as faces voltadas para êle. A maioria não denotava qualquer expressão em especial, mas outras se iluminavam de alguma coisa que o enchia de admiração e o perturbava. Era algo que êle já havia encontrado antes em outras pessoas, às vêzes, e sempre julgara isso perturbador.

A mulher também ficou sentada a olhar para êles, e por certo tempo, nada mais disse.

— Alguns são honestos e de coração puro, sem dúvida — continuou ela, depois, em tom diferente. — Alguns podem até ser santos de um certo tipo e conhecerão a felicidade eterna. Embora nunca se possa dizer...

“Imagine só: há uma moça que dorme com êles... com qualquer peregrino que a queira... a fim de poder ganhar dinheiro para fazer sua própria peregrinação, para tôdas as suas despesas. Poderia ter imaginado uma coisa dessas? Eu mesma falei com ela; perguntei-lhe a respeito disso, e ela me disse que era verdade. Disse que era a única maneira que tinha de chegar ao sepulcro do Salvador, que há tanto tempo ela anseia por visitar... que *precisa* visitar, para a felicidade de sua alma. Isto é tudo quanto significa alguma coisa para ela,

como diz; nada do que tenha de passar para alcançar isso tem qualquer importância, pois ela assegura que seu corpo não significa coisa alguma: sacrifica-o de boa vontade, para que sua alma possa encontrar paz ao fim da viagem. Já ouviu falar em coisa tão estranha? Ela não tira prazer disso, falou-me, quando brinquei um pouco a êsse respeito; uma vez ou outra, talvez. Mas esperava que isto lhe pudesse ser perdoado, pois não estava pecando para seu próprio gôzo, mas a fim de se ajoelhar diante do túmulo de seu Salvador. Antes, nunca havia vivido assim; nunca tivera coisa alguma com homens. Nenhum dos dois acredita nisto, sei... mas eu creio; sei que deve ser verdade. Pois ela é assim; pode-se ver que ela não é do tipo que quereria levar essa espécie de vida. É forçada a fazê-lo, para poder realizar sua peregrinação. E precisa também ganhar o bastante para a travessia do mar, para o navio que leva à Terra Santa. Isso custa muito caro, e o dinheiro deve ser encontrado de algum modo. Mas ela diz que não se importa em absoluto com a sua desgraça, que não se importa com o que fazem com 'êste corpo, êste corpo inteiramente sem valor...' É assim que ela fala.

Singular. Não pode imaginar como é estranho ouvi-la... Gosto dela, penso muito nela... Conversei muitas vezes com ela, hoje e ontem, e de cada vez me pareceu estranho... 'êste corpo sem valor... êste corpo inteiramente sem valor...' "

Subitamente, deu um soluço e irrompeu em violento pranto. Seus ombros se sacudiram e levou as mãos ao rosto avermelhado, como para escondê-lo.

Um instante depois, porém, ergueu-o de novo e olhou com lágrimas, mas irritadamente, para o homem a cujos pés estava o cão.

— E tu? Onde arranjaste o dinheiro, *tu*, para a tua passagem? Como o ganhaste, dize-me! Podes dizer-me? Ou devo eu dizer? De modo honesto não foi, isto é certo. Não como aquela moça o ganha. Ela é honesta. Seu salvador, com certeza, pensa que ela é honesta, e recebê-la-á quando chegar, e dar-lhe-á paz. Mas tu és desonesto... sabes que és... e eu também o sou. Mas nem sempre fui assim. Outrora eu era bem diferente daquilo em que tu me transformaste, tu e os teus... tu e os teus...

Sacudiu o punho à frente dêle, mas depois deixou-o cair, como se sentisse a futilidade de

tudo aquilo, como se não valesse a pena alterar por aquilo. Ficou sentada a olhar para êle, tendo nos olhos enevoados algo da indiferença do desespêro.

Sua bôca tornou a arquear-se num sorriso torto; encolheu um ombro, como para demonstrar o que pensava do homem, e empurrou com o pé o cão que estava debaixo da mesa.

— Que tipo de cachorro velho e sarnento é êsse que andas a arrastar contigo? Não podes nem mesmo sustentar um cão decente?

— Não toques nêle! — disse o homem, com inesperado ardor.

— Tocarei, se quiser. Tantas vêzes quantas quiser. Detesto êsses velhos sarnentos...

Deu um pontapé no cão, que uivou.

O homem levantou-se por inteiro, magro e ossudo, com aspecto verdadeiramente ameaçador.

— Não ouses tocar nêle, digo! Estás ouvindo?

Parecia possuído de tal cólera que ela ficou espantada, atônita.

— Que há contigo? Que te deu? Êsse cachorro miserável...

Não conseguia compreendê-lo.

O homem tornara a sentar-se, mas continuava de olhos fitos nela, e eram olhos perigosos, que pareciam poder tornar-se facilmente selvagens, embora, naquele preciso momento, não se pudesse dizer por que razão. O desconhecido, que pela primeira vez estava vendo aquêles dois, sentia-se grandemente intrigado.

Por um instante houve silêncio. Ninguém falou.

— Não dês tanta importância à minha conversa, Tobias; bem sabes que não quis dizer nem a metade — disse ela depois. — Pelo menos, podemos ser amigos, não é? Eu sofri demais quando partiste, daquela maneira, sem uma palavra... Por que o fizeste? Pensavas que eu iria ficar pendurada ao teu pescoço? Como poderias ter imaginado uma coisa dessas? Mas, para onde foste? Onde tens estado, por todo êsse tempo? Bem, bem, não é preciso que me digas. Não é de minha conta, não tenho qualquer direito a interferir... como poderia ter?

Por baixo da mesa, o cão emitia um uivozinho queixoso. Ela olhou para baixo e contemplou o animal tão bem quanto era possível naquela semi-escuridão.

— É, não deixa de ser um cão de aspecto curioso. Nunca vi um bicho mais feio. Onde o arranjaste? Não sabes como é que um cão deve ser? Pensei que soubesses.

O homem não respondeu, mas continuou a fitar-lhe fixamente o rosto.

— Lembras-te do cão que eu tinha, lembraste? Lembras-te? Oh, quando penso nê! O pêlo negro, espêso, os flancos brilhantes, um focinho frio e branco, a língua sempre pendendo muito para fora... aquê! era um cão de verdade, um cão de caça!

“Nunca êle gostou de ti, lembraste? Não foi, realmente, de surpreender que se tivesse arremessado contra ti... gostava tanto de mim! Oh, como me lembro bem dê! embora tenha sido há tanto tempo! Nunca te poderei perdoar por me teres arrebatado meu cão... nunca!”

— Eu? *Eu* o arrebatei de ti?

— Sim, foi obra tua... foi por tua culpa que eu tive de livrar-me dê! de apunhalá-lo e matá-lo. Se eu o tivesse feito imediatamente, pelo menos, em vez de deixar que viesse conosco quando partimos... Como poderia eu suportar vê-lo em meio àquela cainçalha do trem de bagagem, com aquê! bichos horrendos, cheios

de vermes? Como poderia êle continuar vivendo ali? Ele, um cão que estava acostumado à liberdade, à vida nas matas, um cão caçador! E quando o vi começando a ficar parecido com os outros, de olhos doridos, covardes, aquossos... Para mim, nada é pior do que cães miseráveis, amedrontados... cães que dão pena!

“Não quero pensar nisso agora; quero pensar em como costumava ser. Lembras-te de quando vivíamos juntos lá na floresta, tu, eu, o cão? Quando vivíamos caçando? Quando te ensinei a caçar, a viver como se deve viver, a abater um gamo na carreira...

“Lembras-te daquele nome engraçado que me deste: Diana? Isso não é nome... ninguém jamais teve tal nome; tu o inventaste, simplesmente. E eu não gostei dêle; assim, tiveste de parar. Mas eram dias lindos, aquêles, não eram? Não eram? Até que tiveste de ir-te embora, para não te separares de tua liga, ou seja lá o que fôsse... tudo o que os homens inventam tem um nome tolo. É tudo tão estúpido e parece tão idiota! Diana... embora isso não seja um nome e ninguém possa ser chamado assim. Mas passamos bons tempos, não

foi? Não achas... não achas que foi? Ah, não há muitos dias para vivermos felizes, não há muitos. Que dizes, Tobias? Há?"

Ele não respondeu.

Ela bateu com a mão na tábua gasta da mesa, onde a mão dêle também repousava. O desconhecido olhou para as duas mãos ali sôbre a mesa.

Ninguém falou mais nada.

Do grupo de ébrios veio uma voz rouca e áspera:

— Não vens para cá? Que estás fazendo aí sentada? Não iremos acabar nunca êste jôgo.

A mulher fêz uma careta de desgosto e levantou-se cambaleante, inclinando-se um pouco sôbre a mesa.

— Ê com essa ralé que eu estou. Ê a ela que eu pertenço. Não tem importância... nada tem importância...

Olhou para o homem por um momento, com os olhos escuros e cheios de luz, e depois regressou ao lugar a que pertencia.

— É louca — murmurou o homem para si mesmo, depois que ela se foi. Mas era evidente que estava profundamente agitado.

— Alguma coisa do que ela disse é verdade?

O homem lançou um olhar ao desconhecido que o interrogava, como se a pensar que teria êle com isso. Mas, embora tardasse em responder, era claro que precisava falar, comunicar-se com alguém.

— Verdade? Sem dúvida é verdade... de certo modo. Embora nem tudo o seja. Ou, pelo menos, não o seja assim.

— Como, então?

— Bem, vivemos juntos, como disse ela, na floresta; isso é verdade. E também é verdade que aquêles dias foram realmente maravilhosos.

— “Eu deixara os outros e estava pirateando por minha própria conta... sim, eu era soldado. Havia guerra, naturalmente; sempre houve... Eu era, realmente, um estudante jovem e pobre, mas como poderia alguém continuar assim? Era impossível, tudo era impossível. A cidade inteira se acabara, por assim dizer, só restando montões de ruínas fumegantes. Assim, tinha-se de ser qualquer outra coi-

sa: bandido, ou soldado, fôsse lá o que fôsse; entre um e outro, pouco havia a escolher. Fui ser soldado. E enquanto percorríamos aquelas grandes matas, perto das quais havíamos instalado acampamento (os soldados sempre ficam nervosos com as matas, e assim alguns de nós tinham ido assegurar-se de que não havia perigo nelas), bem, enquanto fazíamos isso, eu me separei dos outros e passei a vaguear sòzinho.

“Cheguei por fim a uma clareira em meio das árvores, onde a relva era bela e espessa. No meio, havia uma fonte. E junto à fonte estava uma mulher. A princípio, não tive realmente certeza de que fôsse uma mulher; mas era, e não um homem, embora quase se parecesse com um. Estava curvada sôbre um animal, a cortá-lo, e ao lado dela um cão se atarefava em devorar algumas das entranhas, que ela lhe atirara. Quando ouviu meus passos, levantou-se como um raio, com a faca ensanguentada na mão, pronta a defender-se; o cão lançou-se contra mim, ladrando furiosamente e atacou-me de tal forma que muito me custou ficar livre dêle.

“Encarei tudo, porém, com muita calma.

Adiantei-me e arrebatei-lhe a faca da mão, justamente no instante em que ela erguia o braço. E perguntei-lhe, em tom de censura, se queria tirar-me a vida. A pergunta era supérflua; estava claro que ela pretendia fazer isso. Então eu lhe disse que apenas queria beber água da fonte; não poderia fazê-lo? Ela não respondeu, e então deitei-me junto à margem, mas vi que havia sangue na água, pois ela estivera lavando ali a sua peça de caça esquartejada. Isso me fêz parar um pouco, e falei qualquer coisa sobre haver sangue na água. Ela continuou de pé, a fitar-me desdenhosamente, e notei então que sua bôca se retorcia um pouco ao sorrir, mas era êsse o seu único defeito. Ela era quase tão bela quanto o pode ser uma mulher. E se vestia apenas com um pedaço de pele de gamo, de modo que eu podia ver-lhe as formas.

“Tem tanto mêdo de um pouquinho de sangue? — disse-me ela, com aquêlê sorriso de zombaria.

“Não respondi. Limitei-me a beber.

“E, depois de ter bebido, violentei-a, e em parte o seu sorriso teve a culpa disso, pois teria inflamado qualquer homem.

“Assim, o que ela diz é inteiramente verdadeiro. Mas em minha conduta nada havia de insólito, pois todos nós fazíamos a mesma coisa quando encontrávamos uma mulher. E aquela era tal que não teria sido fácil resistir-lhe.

“E é verdade também que o cão, que havia ficado mais quieto por algum tempo, atirou-se então contra mim com selvageria e mordeu-me, sem parar, até meu sangue correr, mas não dei atenção a isso. Ela também se enraiveceu a princípio e resistiu violentamente; foi quase como lutar com um homem, tão forte ela era. Contudo, antes que aquilo houvesse terminado já nos havíamos tornado suficientemente amigos para, de fato, deixar de lutar; ela condescendeu mesmo em beijar-me, embora, quando o fêz, seu sorriso ainda fôsse um tanto zombeteiro.

“Foi assim que começamos. E depois disso ela muitas vezes admitiu que, em verdade, também gostara realmente daquilo.

“Da minha parte, naturalmente, eu estava deliciado; tão enormemente deliciado que permaneci com ela, ali nas matas, deixando os outros pensarem que me perdera, como na verdade me perdera. Nunca eu tivera antes

uma mulher igual, e talvez muitos outros homens também não. Refiro-me, é lógico, a ela como era então; não depois. Ela não era como as mulheres comuns; nada nela era comum. Isso me deixava inseguro; e, bastante estranhamente, ela também parecia sentir-se insegura. Podia-se ver isso em seus modos tensos, desafiantes. Tinha-se de ficar sempre na defensiva, pois ela também estava sempre assim. Nunca se rendeu de todo, e nunca se sabia a quantas se andava com ela, nem mesmo quando se estava deitado com ela... nem mesmo então se parecia estar realmente próximo. Ela era como uma virgem que ninguém poderia possuir de modo completo.

“Não conseguia disfarçar seu prazer com aquilo que, para ela, era uma experiência nova; contudo, ao mesmo tempo, parecia tímida... quase temerosa... e tentava evitar o que estivera desejando com toda a intensidade possível. Até o último instante lutava contra isso, e especialmente contra a rendição total. Nunca vi uma mulher parecer tão atormentada no momento da culminação. Seria isso, talvez, por ser o seu prazer, de fato, mais intenso que o das outras? Pode dizer-me por que razão as

mulheres sorriem tão dolorosamente no instante em que maior é a sua delícia de viver?

“Foi assim que continuamos juntos. Amá-la era perturbador e incômodo, mas provavelmente era isso o que me fazia ter-lhe amor.

“E éramos felizes, por certo. Vagueávamos pelas matas, acampávamos sempre onde melhor nos aprouvesse. Ela não tinha qualquer sítio especial para acampar... pelo menos, não naquela época, pois era verão. No inverno, suponho que morasse em alguma caverna. Havia caça em quantidade e ela a abatia simplesmente com os seus toscos apetrechos de caçada: o arco e as flechas que ela mesma fizera. Quando tentei manejá-los, não tive êxito; estava acostumado a outras armas, mais grosseiras. Sua pontaria era incrível: nada lhe escapava, depois que seus olhos aguçados o houvessem espionado. Muitas vêzes, eu nem conseguia ver a prêsa a que visava. Não é de admirar que a tivesse chamado Diana; ela, porém, nunca ouvira antes êsse nome e não sabia o que êle significava... não sabia de nada, para falar verdade. E é verdade que não gostou dêle. Mas não foi por isso que deixei de chamá-la assim.

“Às noites, cozinávamos nossos alimentos

numa fogueira de acampamento e, depois que ela cobria as cinzas quentes com um pouco de terra e musgo, como costumava fazer, dormíamos ali ao lado.

“Não sei como viera a viver sòzinha nas matas, daquela maneira. Mas muitas coisas estranhas aconteciam então... encontravam-se vidas estranhas, curiosos modos de viver... de sobreviver... naquele tempo de guerra de peste e de extrema confusão, de modo que quase nada poderia surpreender mais a ninguém. E, se pensa que êsse tempo é passado (quero dizer, o tempo em que se poderia experimentar coisas inacreditáveis, incompreensíveis, coisas inteiramente inconcebíveis, coisas que o espírito humano não conseguiria compreender), engana-se. Está realmente enganado. Mas isso é outra questão... outra questão inteiramente diferente...

“Talvez todos os parentes dela estivessem mortos, ou tivessem desaparecido em meio da guerra e da peste. Ou talvez ela nunca houvesse tido qualquer parente. Não sei. Nunca o descobri. Quando lhe perguntava isso, ela se limitava a sacudir a cabeça, como se achasse tal pergunta inteiramente desnecessária. Fazia

com que se sentisse que ela nunca vivera de qualquer modo diverso daquele.

“Quando me senti obrigado a voltar ao exército, ao acampamento, ela foi comigo. O fato de acompanhar-me deve ter significado que gostava de mim, que estava ligada a mim de algum modo; ou, talvez, não conseguisse continuar mais sem o que eu lhe dera. Só posso dizer que, embora eu desejasse que ela fôsse, nunca a forcei a isso. Tê-la eu arrastado comigo, como tantas vêzes tem declarado, é mentira e ela sabe disso. Decidiu-se por si mesma, como sempre fêz. Não há quem tenha sôbre ela qualquer poder autêntico.

“Deixou sua floresta, sua vida de caçadora e juntou-se aos acompanhantes do acampamento. Que outra coisa poderia fazer, se íamos continuar vivendo juntos? Pode imaginar que espécie de mulheres havia ali. Tornou-se uma delas. Pouco mais tarde, levantamos acampamento e partimos para outros lugares, para outros feitos de armas e outras pilhagens.

“Não foi por minha culpa que, logo depois, ela se tornou propriedade comum da companhia. Eu a queria para mim, sem dúvida, mas os outros fizeram com que isso fôsse impossí-

vel. E não tenho a certeza de que ela se satisfizesse somente comigo ainda, ou de que lhe importasse ser tomada por outros . . . por muitos . . . ser explorada e prezada como merecia. Não é fácil sabê-lo com exatidão, e ela mudou tanto que eu não mais a compreendia. Mas não fui eu quem fêz isso, nem qualquer outra pessoa. Atormentava-me o que lhe estava acontecendo e pensava nisso constantemente; e não preciso dizer que estava mais apaixonado por ela do que nunca, desde que outros homens também passaram a possuí-la.

“Pois a verdade é que não nos afastamos, nem nos tornamos mutuamente indiferentes porque ela ia com tantos homens. Não era assim. Estávamos ligados reciprocamente e ela dormia comigo, também. E deve ter havido algo de especial em nossas relações, e em nós mesmos, quando estávamos juntos, porque ficávamos a lembrar-nos de muitas coisas de nosso passado, quando tudo havia sido diferente. Isso era algo que ela jamais poderia repartir com companheiros de acaso, com todos aqueles outros homens. Nós éramos os únicos a possuir recordações.

“Mas nunca mais voltou a ser como fôra

naqueles dias. Podíamos ainda ter alegria um no outro, se não pedíssemos demais, e agora não precisávamos mais de estar mutuamente na defensiva. Não havia a mesma tensão entre nós e, quando eu a amava, ela não resistia, mas me beijava e me acariciava, todo o tempo, desde o começo. Nunca mais, porém, voltei a chamá-la Diana.

“A guerra prosseguiu por muitos anos e durante êsse longo tempo ela decaiu, como se diz, cada vez mais. Mas não há dúvida de que também eu, embora de outra maneira. Todos decaímos. Ela vivia no meio da brutalidade, da prostituição e da embriaguez, ali no trem de bagagem, em companhia daquelas mulheres lascivas que o exército arrastava consigo até se tornarem tão gastas, tão usadas e doentes que se extraviavam na retaguarda ou eram expulsas, enquanto em seu lugar outras eram absorvidas durante a marcha por aquela região devastada e saqueada. Ela tornou-se como as outras, ou quase igual a elas, pois nunca poderia ser inteiramente semelhante a elas. Seu rosto se alterou, suas linhas jovens e firmes se afrouxaram e dissolveram, sua fala ficou desavergonhada e rude, e sua voz, outrora amável

e profunda, tornou-se àspera e rouca, de tanto beber. Começou a transformar-se no que é agora, o que quer dizer, naturalmente, que eu sentia cada vez maior repulsão por ela, embora ainda estivesse ligado a ela e desejasse continuar assim. Deve ter continuado a significar para mim alguma coisa ainda. Para os outros, era apenas mais uma das meretrizes do trem de bagagem, mas para mim era também outra coisa diferente, outra coisa que certa vez eu encontrara na floresta, junto a uma fonte. Às vezes eu pensava que seu arco e suas flechas ainda jaziam lá, no musgo, e que, agora, talvez o musgo tivesse crescido sôbre êles.

“Então, afinal, a guerra terminou . . . se uma coisa tal como a guerra pode terminar. Nós, soldados, fomos dispensados, mandados para casa, como êles diziam, embora já não tivéssemos casas para onde ir e, em vez disso, nos fizéssemos bandidos. Boa parte de nós, pelo menos. Formamos quadrilhas de assaltantes e vagueávamos por tôda parte, furtando tudo quanto havia sido deixado naquela terra devastada e sugada. Juntei-me a uma das quadrilhas: que outra coisa haveria a fazer? É preciso viver de algum modo. E ela permane-

ceu comigo, como antes. Quando se tratava de tomar uma decisão, ela sempre ficava a meu lado; era quase como se, sem mim, se sentisse, de algum modo, insegura de si mesma, incerta e perdida neste estranho mundo alheio, ao qual, apesar de tôdas as suas maneiras grosseiras, ela realmente não pertencia. Era como se não pudesse passar sem mim: sem alguém que conhecesse seu passado, que soubesse de fato quem ela era. Como se sempre devesse estar perto de tal pessoa.

“Assim, então, passou ela a ser a meretriz dos ladrões. Êles necessitavam de uma mulher assim, e às vêzes lhe davam outras tarefas a realizar, tarefas mais adequadas a uma mulher que a um homem. Ela, de certo modo, tinha a vantagem de ser ambas as coisas, e em algumas ocasiões podia ser utilizada justamente por causa disso. Os homens costumavam rir desta sua qualidade, mas sabiam muito bem como explorá-la. E riam porque ela parecia desprezá-los; não acreditavam que isso fôsse verdade, pois de boa vontade dormia com êles. Mas era verdade. Naturalmente, ela nos despreza, a nós, homens... a todos nós. Entretanto, ao mesmo tempo quer ser como nós. Quer sentir-se

como um homem, ou quase igual a um; é realmente *ela* quem quer possuir-nos.

“Ia conosco, em nossos vários empreendimentos, que muitas vezes eram bastante estranhos, e mostrou-se muito útil em vários dêles. E quando ela diz que não gosta dessa vida, que em certas ocasiões pode ser bem emocionante, e que não gosta dessa companhia... dessa ralé, como a chama... simplesmente não acredito. Creio que na realidade ela se sente muito satisfeita com tudo isso, com essa gente rude, embora os despreze a todos e seja diferente dêles. É certo que não desejaria deixá-los, nem a vida que levam.

“Então, porém, nós dois passamos a ficar cada vez mais afastados, e preferi nada mais ter com ela. Essa mulher masculinizada, com seu desdém, sua boca torta e sua conversa insolente, com os olhos quase sempre raiados de sangue, estava muito distante daquela que outrora eu conhecera e amara. Meus sentimentos por ela morreram e foram substituídos pela repulsa e pelo asco, por ela e por tudo o que se fizesse com ela.

“Repulsa e asco eu sentia também pela própria vida, aquela vida rude de soldado e de

bandido, aquela vida criminosa que parecia encher o mundo, assolar o mundo, expô-lo à devastação insensata, à vergonha, à miséria, ao desespero. A vida criminosa que por tanto tempo eu levava... eu e todos êsses outros. Por que estava eu nela, por que era eu justamente igual a todos os outros? Como poderia eu suportá-la, submeter-me a ela? Que espécie de vida era essa? Como poderia continuar assim? Tais perguntas fazia a mim mesmo, e cada vez ficava mais revoltado contra essa existência, a minha própria desavergonhada existência, e contra mim mesmo.

“Entretanto, continuei; não a abandonei. Não me libertei nem iniciei uma vida nova, uma vida que fôsse minha. Não que isso tivesse sido fácil, naturalmente; como se iria conseguir tal coisa? Continuei, simplesmente, do mesmo modo que antes, embora desprezasse fazê-lo.

“Ansiava por uma mudança; ansiava por fugir de mim mesmo e de tudo quanto me rodeava; e, embora nada fizesse em tal sentido, meu espírito se preocupava. Às vezes, chegava a vir-me à cabeça algo que eu devia ter pensado ou lido muito tempo antes e que não mais

recordara por inteiro; uma recordação de alguma coisa além destas... alguma coisa inteiramente diferente... alguma coisa que eu esquecera e perdera.

“A gente se preocupa tanto com aquilo de que se vive... fala e fala a tal respeito... Mas, *para que* é que se vive? Pode dizer-me?

“*Para que* é que se vive?”

Ficou a fitar à sua frente, com o olhar desmaiado, parecendo estar muito distante.

Lá fora, a tormenta rugia; dos peregrinos que dormiam na escuridão vinha um som de respiração forte e, aqui e ali, o murmúrio de alguém que ainda rezava. As lâmpadas de óleo, na outra extremidade, haviam sido apagadas e agora só se via luz junto às mesas.

— É mesmo verdade que o senhor é um peregrino? — perguntou o desconhecido, após certo tempo. — Como o chegou a ser?

Por longo intervalo o homem não deu resposta. Era claro que tinha vergonha de falar a tal respeito; repugnava-lhe isso. Sentava-se de olhos baixados para a grossa ~~tampa~~ da mesa, gasta e escurecida por longo uso, e corria a mão fina sôbre ela, para lá e para cá.

— Não os abandonei — começou, afinal. —

Não desisti da vida que estava levando. Aconteceu simplesmente que naquele dia eu saí sozinho, vagando sem qualquer objetivo certo... sem objetivo algum. E a iniciativa não foi minha.

“Sempre gostei de andar assim, sozinho, sem rumo, em paz. Talvez naquele dia eu sentisse mais necessidade disso do que de costume... mais necessidade de afastar-me dos outros. Estava cansado daquela vida sem significação, da inutilidade de tudo. Pode ser que o tenha sentido mais do que nunca naquele dia. Não observei para que rumo ia e, dessa forma, acabei simplesmente por perder-me. Não sabia onde me achava. Mas não me importei; continuei a andar como antes. Voltaria a tempo, pensei.

“A região por onde ia andando estava deserta. Isso eu já vira antes, mas então via quão deserta ela realmente estava, e de que maneira. Não era um êrmo, mas terra de cultura; contudo, os campos permaneciam sem trato. Não haviam sido lavrados desde muito tempo, muito mesmo, pois estavam repletos de moitas e renovos, e aqui e ali viam-se árvores semicrescidas; a floresta voltara a invadir aqueles campos e conquistara-os. Nem uma alma, nem o

menor traço de uma se via em qualquer parte. Era um lugar abandonado.

“Isso não me causou surpresa, pois muitos outros lugares se achavam em estado idêntico. Durante anos a fio a guerra varrera aquela terra com sua devastação e tal era, sem dúvida, a causa de seu abandono. Talvez não houvesse restado ninguém para cultivá-la. Depois da guerra, a peste se espalhara mais rapidamente do que antes e reivindicara muito mais vítimas do que a própria guerra. Regiões inteiras do país ficaram completamente despovoadas e jaziam abandonadas, na desolação. Um deserto como aquêle, porém, eu nunca havia visto. Reinava ali um silêncio inteiramente peculiar, um completo vazio, uma quietude que inspirava medo. Era penetrante. Senti que penetrava em mim.

“Nem uma só habitação humana se podia ver. Mas, a certa distância, havia umas árvores velhas, que pareciam crescer num buraco, pois apenas o alto de suas copas era visível. Não ficavam muito longe e, embora o dia já estivesse bem avançado, fui adiante para ver como era aquêle lugar. Verifiquei que lá em baixo, num vale comprido e estreito, achava-se uma

pequena aldeia, de cabanas e quintais simples, à margem de uma estrada que corria o vale de ponta a ponta. Desci para êle e caminhei pela estrada.

“As casas estavam vazias e quase tôdas sem portas. As aberturas negras levavam para o que outrora havia sido morada de sêres humanos. Urtigas e outras ervas haviam começado a crescer nos limiares, sôbre o chão de terra. Entrei em algumas das casas para ver se permanecia ali alguma criatura viva, mas, naturalmente, não havia ninguém. Dentro de tôdas elas encontrava-se o mesmo vazio, à exceção, talvez, de algum objeto caseiro, quebrado e imprestável, atirado a um canto. É possível que a aldeia houvesse sido saqueada depois de lhe ocorrer, e a seus habitantes, não sei que desastre.

“Confesso que tôdas aquelas casas nuas, abandonadas, me oprimiam, embora eu estivesse calejado por espetáculos semelhantes. Era difícil explicar tal deserção, embora fôsse bastante fácil supor que algo de terrível acontecera: alguma grande catástrofe. Fugira a população aterrorizada? Desesperada? Aquilo sucedera de repente? A guerra, o terror, a fome, alguma epidemia terrível... qualquer des-

graça humana poderia explicar o que acontecera.

“Eu ia caminhando pelo meio da estrada, sem encontrar o mínimo sinal de vida humana. Mas, precisamente na última das casas, que se erguia onde a estrada terminava, houve algo que me surpreendeu e abalou. Era uma casa muito modesta, menor do que as restantes, mas tinha uma porta. E, levando a esta, uma vereda cortava a relva, uma vereda pouco nítida: nem se podia estar certo de que fôsse realmente um caminho. Se o era, fazia muito tempo que não o usavam habitualmente. Fiquei naturalmente surpreso e curioso, tanto que me dirigi para a casinhola.

“A porta estava fechada. Quando a abri, achei-me num pequeno aposento: o único. Podia-se ver imediatamente que fôra habitado, embora os sinais disso fôsem escassos e tudo, ali, falasse de extrema pobreza. Ao olhar em derredor, vi uma cama junto a uma parede; nela jazia uma mulher, de rosto voltado para cima e mãos cruzadas sôbre o peito. A seus pés enroscava-se um cão.

“O animal ergueu-se com um débil uivo e fitou-me, com olhos cansados, úmidos. Era um

lastimável bichinho faminto, de pêlo ralo e amarelado. Quando me aproximei dêle, saltou da cama e esfregou-se em minha perna; depois, tornou a subir e a deitar-se, como antes, aos pés da mulher.

“Inclinei-me sôbre ela. Vi, então, que estava morta.

“Seu corpo, que se achava incrivelmente magro, estendia-se sôbre umas poucas palhas e sôbre ela estavam alguns trapos e andrajos que nem mesmo conseguiam cobri-la. Parecia de idade madura, mas se achava tão descarnada que não se poderia ter certeza disso. Depois de todos os sofrimentos que devia ter experimentado, seu rosto ainda exhibia uma expressão de serenidade, de tranqüilidade solene. Parei a fitá-la, cheio de assombro, comovido por aquêlê encontro inesperado com a morte, por aquela experiência singular, depois de minha caminhada através das terras desoladas e da aldeia abandonada.

“A coisa mais notável, porém, não foi ter eu vindo a descobri-la em tôda a sua miséria, não foi a sua morte solitária naquela extrema desolação. A coisa mais notável foi...”

— Que foi? — perguntou o desconhecido, quando o homem se interrompeu.

— A coisa mais notável foi... que ela trazia os estigmas.

— Os estigmas! — exclamou o desconhecido, num arranco violento.

— Sim. Vi imediatamente as marcas em suas mãos. E, quando lhe descobri os pés, também êles estavam traspassados.

— Que me diz?

— Não é coisa que se possa compreender. Mas era assim.

— Tem realmente certeza disso?

— Sim, absoluta. Vi-o com os meus próprios olhos. E fiquei tão abalado e tão agitado como o senhor agora está... como parece estar. Aquilo desarvorou-me por inteiro e comportei-me do modo mais estranho, devo confessá-lo. É muito pouco o que alguém conhece a respeito de si mesmo; é muito curioso...

— Que quer dizer?

— Quero dizer... Eu estava ali, de pé, e de repente caí de joelhos ao lado dela... *perante* ela!

— Oh...

— Sim. Nem eu mesmo sei por que razão.

O desconhecido permaneceu silencioso, mas suas mãos delgadas retorciam-se incessantemente. Por algum tempo os dois homens ficaram calados.

— Não fazia muito tempo que ela havia morrido — prosseguiu o homem. — Havia muitos sinais disso e não se sentia no aposento o menor cheiro mau. Mas isso também podia ser porque o corpo se achava tão descarnado. Provavelmente ela ficara ali, por longo tempo, sem alimento, sem nada ter para comer. Não havia alimentos de qualquer espécie na casa. Viam-se, apenas, no fogão, umas poucas cinzas, umas poucas achas de lenha semiqueimadas, sem que nada, entretanto, indicasse o que ocorrera antes de sua morte.

“A luz do dia começava a declinar e poder-se-ia pensar que eu sairia dali, não me preocupando em ficar lá, no escuro, com uma pessoa morta, a quem eu jamais conhecera, com quem não tinha qualquer ligação. Mas eu não queria abandoná-la. Não queria que ela permanecesse ali sòzinha, nas trevas, na noite depois de sua morte; ela já estivera só por longo tempo. Alguém deveria guardar vigília, pensei eu, velar pela morta. E já que eu havia chegado ali por

acaso, impellido por algo estranho a mim mesmo, era eu, certamente, quem o devia fazer.

“Sentei-me num banco junto ao fogão, e a noite desceu sôbre o aposento, sôbre a mulher morta e sôbre mim. E também sôbre a aldeia abandonada, sôbre as terras desoladas que ninguém mais habitava.

“Foi então, durante aquela longa noite, que decidi ser um peregrino. Quando pensei no destino dela, nos seus sofrimentos inenarráveis, e em como ela devia ter jazido ali, ansiando por outro Gólgota, onde as agonias e os ferimentos não seriam apenas os de um ser humano... onde, em meio às dores, ocorrera um milagre, uma transfiguração... foi então que deliberei ir em peregrinação ao lugar em que os pensamentos dela deviam ter repousado constantemente, enquanto ela própria sofria. Queria fazer isso por ela; era o mínimo que podia ser requerido de mim. Queria partir em peregrinação por causa dela. Não por minha própria causa. Bem, por minha própria causa, também, naturalmente; isto nem é preciso dizer... mas... oh, é complicado e, na verdade, não chego a compreendê-lo...

“Naquela noite, isso me deixou confuso, na

ocasião em que me decidi... e não ficou mais claro desde então... ainda não ficou...

“Não, realmente, não o compreendo...

“Isto, porém, é algo que vou levar até ao fim... algo que devo levar até ao fim, não importa o que possa acontecer depois. É um dever sagrado. Não, não é um dever. É uma promessa sagrada que fiz. Uma promessa feita... bem, feita a mim mesmo.”

Ficou a olhar para a frente, de cenho cerrado, evidentemente perturbado pelo que se agitava em seu íntimo.

— Foi uma longa noite. Pensei que nunca terminaria. E não a passei tranqüilamente, devo dizer, porque estava pensando muitíssimo a respeito do que acabo de contar-lhe, dessa coisa que eu não conseguia compreender. E a respeito dela também, ali mergulhada nas trevas... a respeito de tôda a desgraça humana e da minha própria. A respeito do mistério do destino humano.

“Tudo estava tão quieto que o mundo inteiro parecia morto. Que som *poderia* ter havido ali? Nada havia que perturbasse a quietude, naquele universo extremamente deserto.

“Só uma coisa aconteceu... mais ou menos

por volta da meia-noite, acredito... e foi um cavalo que veio a andar pela estrada; deve ter sido um cavalo. O som parecia indicar isso. E manquejava. Não conseguia firmar seu pêso numa das pernas; podia-se ouvir isso com clareza... com clareza cada vez maior à medida que êle se aproximava. Ao chegar ao fim da estrada, virou-se para a vereda que levava à casa da mulher morta, fungou junto à frente, junto à parede do fundo, junto à janela. Rodeou a casa inteira e, por fim, fungou por longo tempo diante da porta. Era como se o animal tivesse o costume de ir ali e fazer isso. Talvez soubesse que uma pessoa fôra deixada ali, uma das pessoas que costumavam viver naquele lugar. Depois de certo tempo, foi-se embora, com seu andar manquejante a ressoar cada vez mais distante, estrada abaixo.

“Afinal, a alvorada começou a raiar e chegou como um alívio. Quando já havia verdadeira luz, o cão desceu da cama e tornou a esfregar-se em minha perna, gemendo. Depois, mais uma vez subiu e deitou-se, a soltar um lamento, ao lado da mulher morta. Fêz isso por diversas vêzes, enquanto eu ali ficava, de pé, a contemplar mais uma vez aquela a quem

ligara o meu destino e a imaginar o que iria fazer em seguida.

“Ou havia sido ela quem me prendera ao seu destino? Eu não saberia dizer.

“Sabia apenas que a primeira coisa em que devia pensar era em seu sepultamento. Levantei-a... era tão leve que até parecia irreal... e carreguei-a para fora, naquela esplêndida manhã; pois a manhã era de fato bela, com o sol nascente a cintilar sôbre a relva e sôbre tôdas as árvores. A certa distância da casa havia uma pequena encosta, bem localizada à luz do sol. Levei a mulher para lá. Havendo encontrado uma pá num telheiro próximo da casa, cavei um túmulo para ela. Enquanto fazia isso, observei que estava rodeado, por tôda parte, de vivos cantos de pássaros. Era uma coisa estranha, pois, no dia anterior, não ouvira qualquer canto de pássaro, de modo algum. Ou então não havia nenhum dêles, ou simplesmente eu não o notara. Agora, era manhã e bem podiam estar cantando porque isso os alegrava. Êles têm sua alegria própria. Por que não iriam cantar?

“Quando terminei de cobrir a cova com terra, fiquei de pé por um momento, de cabeça.

baixa; e foram essas as únicas exéquias que ela teve. Não proferi qualquer oração, nem algo dêsse tipo, pois não tenho jeito para isso. Depois, saí e o cão me acompanhou, junto a meus calcanhares. Permaneceu perto de mim, bem a meus pés. E ainda agora está assim.

“Então, viemos para aqui, a fim de nos juntarmos aos peregrinos.

“Mas eu não sou um dêles.”

Com isso, encerrou a narrativa. Daí por diante, absorveu-se em si mesmo.

A calma respiração dos que dormiam vinha da escuridão; mas alguns, que talvez não pudessem encontrar paz para suas almas, viravam-se e remexiam-se, inquietamente.

— Sim, nisso o senhor pode estar com a razão, ao afirmar que não é um dêles — disse o desconhecido. — Gostaria de ser?

— Talvez... de certo modo. Mas eu nunca poderia assemelhar-me a êles.

— Por que não?

— Quando êles se ajoelham ali, rezando e confessando seus pecados, verifico que isso não foi feito para mim. Não quero fazer tal coisa, sejam quantos forem os pecados que eu

possa ter cometido. Não gosto de ajoelhar-me. Nunca o fiz...

— Perante ela, fêz...

— Sim, eu sei. É por isso que é tão estranho, tão enganador. Perante ela eu o fiz. Por quê? E diante de quem eu estava realmente a ajoelhar-me? Tenho feito a mim mesmo esta pergunta inúmeras vezes. Pode responder-me?

A isto o desconhecido não deu resposta. Nem demonstrou o que pensava da pergunta, ficando apenas a olhar fixamente o chão, a fim de que o outro homem não o fitasse nos olhos.

Na verdade, os olhos do outro nunca se haviam encontrado com os seus e nem mesmo êle sequer pensara em fazê-lo. Estava por demais preocupado com seus próprios pensamentos para observar bem o desconhecido a quem fazia confidências.

— É fácil compreender de onde provieram os ferimentos dela — disse o homem, em voz mais baixa do que antes. — E foi talvez diante dêle... para êle que, realmente, eu me estava ajoelhando. Que pensa disso? Como encara isso?

— Eu? Que tenho eu a ver com isso?

— Não. Nada, naturalmente. Nada. Fiquei

apenas imaginando, entretanto... Apenas fiquei desejando saber o que o senhor pensava.

— O que penso?

— Sim.

— Penso como o senhor, naturalmente. Penso que foi diante dêle, para êle, que se ajoelhou. Mas o modo que êle usou para levá-lo a fazer isso foi estranho.

— Também penso assim.

— Seu modo de obter domínio sôbre o senhor.

— Domínio sôbre mim?

— Sim. Um modo insólito, devo reconhecer.

— Domínio sôbre mim?

— Esta, seguramente, é a questão. Que mais poderia ser?

— Domínio?

— Sim. Não quer que êle o exerça?

— Não. Não, não quero que ninguém exerça domínio sôbre mim. Ninguém. Nem êle, nem...

— Mas está indo em peregrinação ao sepulcro dêle.

— Estou fazendo isso por causa dela.

— E por sua própria causa também, como me disse.

— Eu nunca teria pensado em fazer semelhante coisa por minha própria conta!

— Não, não teria. E é por isso mesmo. Por isso, êle o conduziu até à mulher com os estigmas, que jazia lá, naquela desolação. Pode ter sido o único modo que êle teve para mostrar-lhe suas próprias feridas, porque, de outro modo, não lhes teria dado a menor importância. Mas êle o fêz ajoelhar-se diante delas e tornar-se um peregrino. Êle o fêz deixar tudo para trás e transformar-se num dos muitos que vão em peregrinação a seu túmulo. E para ter certeza . . . para ter certeza de que o senhor não esqueceria sua promessa, mandou o cão dela acompanhá-lo . . .

O homem contemplou com espanto o desconhecido, embora, até então, somente lhe tivesse lançado os olhos casualmente. À fraca luz, todavia, pouco podia discernir do estranho que se sentava ali, de cabeça curvada sôbre as mãos delgadas, que continuamente cruzava e descruzava por cima dos joelhos.

— Como deve conhecê-lo bem! — disse, um pouco desdenhoso, um pouco com cepticismo; contudo, era claro que se sentia grandemente abalado pelo que o outro dissera.

Não recebendo resposta, continuou:

— Por minha parte, não o conheço particu-

larmente bem. E não posso dizer que sinta qualquer anseio especial por seu túmulo, por seu Gólgota. Estou fazendo isto por causa dela, como já disse; pela mulher que desejava ardentemente estar lá, em pessoa. O que *eu* mesmo desejo, não sei. Deve ser assim, muitas vezes: não *sabemos*.

“*Ela*, porém, sabia. E deve ter gostado de pensar que alguém exercia tal domínio sobre ela. *Deve* ter gostado. Mas eu, não.”

Espichou as pernas por baixo da mesa e mudou de posição. O cão, talvez um tanto perturbado por isso, também se virou e aconchegou-se junto aos pés do homem, de outro modo. Quase inaudivelmente, gemeu.

— O senhor deve conhecer muita coisa a respeito dêle — prosseguiu. — Onde aprendeu tudo isso?

O desconhecido fêz que não ouviu.

— O senhor parece saber como êle age para apoderar-se de alguém e fazê-lo ajoelhar-se... fazê-lo tornar-se um peregrino. Êle realmente toma tanto trabalho por causa de uma pessoa? Isso me parece notavelmente estranho.

— Acho que êle toma qualquer trabalho, não

importa quanto, por causa de alguém que escolheu.

— Que escolheu?

— Sim. E não o deixará escapar. Nunca o deixa escapar. Nunca o liberta. É fácil ver que o senhor não sabe o que é e como é ser perseguido por deus.

— Perseguido?

— Sim.

— Por deus? Será isso possível?

O outro homem ficou silencioso. Ficou silencioso de um modo que tornava suas palavras ainda mais estranhas... mais duras ainda de interpretar. Contudo, com elas ele deveria ter querido dar a entender algo de especial. Pela primeira vez o homem refletiu que a pessoa desconhecida que se achava a seu lado poderia ter um destino próprio e que não existia apenas para ouvi-lo. Durante longo tempo olhou para ele, para seu rosto abatido e para as mãos delgadas que se cruzavam e descruzavam sobre os joelhos.

— Que domínio ele tem sobre o senhor? — perguntou, impulsivamente.

O desconhecido pareceu ferido por essas palavras como por um raio. Endireitou-se, ergueu

a cabeça e, súbitamente, o outro homem encontrou seu olhar, que não se assemelhava a qualquer outro olhar humano que já tivesse visto antes: era um olhar desolado, que parecia vir de outra era, de outro mundo. Aquêles olhos pareciam poços que se tinham ressecado havia muito, muitíssimo tempo.

Esse olhar foi tôda a resposta que recebeu; e, por longo intervalo, ambos ficaram ali sentados sem trocar uma só palavra. Chuva e vento raivavam em volta da casa; as sombrias janelas cintilavam de vez em quando, e o trovão retumbava em meio dos píncaros.

— Veio para aqui a fim de abrigar-se da tempestade? — perguntou o homem afinal, para dizer alguma coisa.

O desconhecido assentiu com a cabeça, de leve.

— Compreendo. É curioso que tivesse sido impellido para aqui... embora, naturalmente, não haja outro lugar nestas montanhas. Só há êste, para peregrinos.

— Eu também não teria vindo para cá, de modo algum, se tivesse outra escolha. Nunca. E quando descermos para lugares habitados,

não tenho a intenção de ficar em nenhuma hospedaria para peregrinos.

— Para onde vai?

— Eu? Eu?

— Sim, o senhor. Não é nenhum peregrino. Não viaja para o Gólgota, ou qualquer lugar semelhante, não é? Ou vai para algum dos lugares sagrados?

— Não tenho nenhum lugar sagrado aonde ir.

— Não... mas deve haver lugares sagrados. Não acha? Quero dizer... para outras pessoas...

— Nada sei a tal respeito.

O homem ficou silencioso, olhando para êle.

— E não se ajoelha diante de coisa alguma?

— Não.

— Nem mesmo diante de deus?

O outro permaneceu em silêncio.

— E não se censura por isso? Como eu faço... algumas vezes?

— Não há no mundo quem precise de ajoelhar-se diante de deus.

O homem estremeceu e moveu abruptamente as pernas por baixo da mesa. O cão, em que

de algum modo deveria ter batido com o pé, queixou-se. O homem inclinou-se e fitou-o.

— Fique quieto, aí! — disse, empurrando-o com o pé. — A única coisa que êle faz é gemer.

A mulher a quem êle outrora dera o nome de Diana retornou à mesa dêles, ainda mais embriagada do que antes, e sentou-se do lado oposto ao do homem.

— Aquêles porcos... estão todos bêbedos agora. Não os posso suportar mais. Mesmo aquêle mandrião que lhes impinge amuletos falsificados e crucifixos, está ébrio: aquêle que quer passar por monge... e pode êle ser mesmo um monge, pelo que isso vale. Não sei. E aquêle tal de Humberto, que nunca me deixa em paz. Todos êles! O bando inteiro está embriagado, e não sei em que condições estarão êles amanhã, se houver algum trabalho honesto para fazer. Ê preciso estar sóbrio para poder realizar adequadamente uma tarefa, não é? Crucifixos que fazem milagres! Já ouviram falar de coisa semelhante? Êle os trapaceia, vendendo-lhes isso. E também indulgências, para tantos pecados quantos se quiser... êle

mesmo as fabrica, quero dizer, escreve-as. E é capaz também de trapacear com o baralho, quase tão bem quanto eu. Em meio de que ralé fôste atirar-me! É só por tua culpa que aportei entre êles, não é? Dize! E depois tu escapoles, dizendo que vais ser um peregrino... que tens de ir até ao sepulcro de teu Salvador, até à Terra Santa... e me deixas aqui, entre velha-cos e bandidos, que vivem de roubar peregrinos, de roubar todos os outros que se dirigem para o mesmo lugar. São repulsivas essas criaturas... nem posso pensar por que razão algum dia desejei ser tua companheira. Digo-te que mesmo Humberto é um homem melhor do que tu, pois pelo menos é um larápio honesto... é apenas um larápio, e não uma mistura de larápio e de falsário semi-remido, como tu. E me ama, se queres saber... ama-me, realmente, e eu a êle, embora me cause tanto asco quanto só um homem grande e cheio de carnes pode causar a uma mulher. Uff!

“E quem és tu? — disse ela, interrompendo-se de súbito e virando-se para o outro. — Ah!, sim, antes já estavas sentado aqui; lembro-me de ti agora. Que aspecto estranho tens! Parece que morreste há muito tempo. Por que não

morreste? Não é que isso seja da minha conta. Tens uns olhos tão engraçados... quero dizer... o bastante para fazer mêdo a qualquer um.

“Não dizes muita coisa, mas é possível que sejas bastante astuto, apesar de tudo. Tens o aspecto de quem o é... com êsses olhos, e sendo tão velho como deves ser... Mas tudo é a mesma coisa para mim, tudo é o mesmo. Nada tem importância... nada!

“E para que estão os dois aqui sentados, a zombar dos outros, de qualquer modo? Hem? Nem mesmo estão bebendo... Que sentido tem ficar só sentados? Mas ali vem a velha Isabel, e assim, agora, as luzes vão ser apagadas. Aquêles suínos não vão poder beber mais... olhem, ela vai dizer-lhes isso, estão vendo? Muito bem! Ela mantém a lei e a ordem na estalagem... e se não há muita ordem, a culpa não é dela. Pode haver ordem agora? Pode ela evitar que as pessoas sejam assim? Hem? Que pode ela fazer, se tôdas as espécies de velhacos se juntam onde quer que haja peregrinos? Porque é assim que êles fazem. Os peregrinos atraem as fezes da terra. E esta casa está repleta de peregrinos a ponto de arrebentar, de modo que

isso traz mais fezes, naturalmente. Êles próprios são a pior de tôdas as fezes. Pode ela evitar isso? É o que lhes pergunto.

“Não, Isabel é uma boa sujeita; nada há de mal nela. Penso muito nela.

“Eu lhes digo que ela é a melhor pessoa que conheço ... a única que é realmente o que uma pessoa deveria ser. É assim que uma pessoa deveria gostar de ser, em si mesma, se pudesse escolher. Mas, quem pode? Quem pode escolher ... para si mesmo ... como ...”

Deu um soluço e limpou às pressas o nariz.

— O que ela tem feito, ano após ano, aqui nesta casa; todo o bem que ela tem feito, tratando a cada um da mesma forma ... rico ou pobre, peregrino ou pecador comum ... nunca poderão imaginar. Mesmo o próprio Deus, talvez, não tenha tido tempo de anotar tudo isso em seu livro ... tudo isso, não. É coisa demais, sabem? E ela tem estado aqui a sua vida inteira, desde que foi atirada aqui envôlta num trapo ... atirada porta a dentro ... aquela porta que estão vendo ali ... por uma mulher que depois foi encontrada enregelada, morta, no passo da montanha. Era uma noite de inverno ... ou talvez de outono. Ela teve de tra-

balhar como escrava, de labutar em tudo, até que chegou a ser dona e administradora do lugar; e vem sendo isso há tanto tempo quanto qualquer pessoa pode lembrar. E o que ela viu e viveu por aqui, durante êsse tempo... através de tôda a sua longa vida... com todos os tipos diferentes de gente que têm passado por esta casa... bem, imaginem isso, se puderem. O que ela tem sabido e testemunhado!... Ninguém já viu tanto quanto ela. Se é que sabem o que quero dizer com "tanto". Sabem?

Uma mulher idosa que caminhava com passos pesados e com leve manquejar veio calmamente até à mesa dêles e disse-lhes que era hora de irem repousar, que deviam apagar tôdas as lâmpadas. Seu rosto era gasto e cansado como se houvesse estado a trabalhar o dia inteiro e ela própria necessitasse de repouso. Era baixa e de quadris rechonchudos.

— Estiveste bebendo demais outra vez? — perguntou ela à mulher, fitando-a com os velhos olhos acinzentados e inclinando-se um pouco sôbre a mesa, como se precisasse de apoio.

— Sim, querida mãezinha, estive. Isso te entristece? Por que é que sempre te deixo triste?

Ela bateu na mão enrugada de proeminentes veias azuis.

— Oh, não. Coisas pequeninas como essa não me entristecem. Não valem a pena.

— És muito boa. Vais perdoar-me?

— Acho que serei obrigada a isso.

— Sim, perdoo tudo.

— Oh, não, não perdôo. Não vás ficar com essa idéia na cabeça. Embora muita gente fique. Acontece, apenas, que deixo o julgamento a outro. Ele pode ser mais severo do que sou, mas também sabe muito mais. Eu não sei o bastante para julgar.

— Oh, sabes! Sabes muito mais do que o Onipotente!

— Não fales dêsse jeito, ou ficarei realmente zangada contigo!

— Mas sabes, de qualquer modo, diga êle o que quiser. E julgue tanto quanto quiser. Eu só me importo com o que *tu* pensas; não quero ter coisa alguma com êle.

— Tempo virá em que haverás de ter. Mas esperemos que êle seja amável para contigo. Talvez encontre em ti algo de que goste; quem sabe?

— Não posso imaginar o que poderia ser; mas isso é lá com êle.

— Sim, é.

Endireitou-se e encarou grave e pesquisadamente o singular desconhecido, embora sem que coisa alguma nêle a surpreendesse. Certamente, nada lhe poderia causar surprêsa.

— Bem, filhos, devem ir para a cama e apagar a luz. Cuide disso, Tobias.

Agitou a cabeça um pouco, como a dar boa-noite, e regressou à escuridão de que viera.

Quando se levantaram da mesa, a mulher chegou-se a Tobias, afagou-lhe a face barbada e disse:

— Não estás zangado comigo, estás?

E, com os lábios próximos de seu rosto, murmurou:

— Se quiseses alguma coisa esta noite, sabes que estou aqui.

O homem não deu resposta. Curvou-se e soprou a chama da pequenina lâmpada a óleo que estava sôbre sua mesa. Depois, saiu, seguido de perto pelo cão. O desconhecido acompanhou-o também. Acharam dois lugares na

palha, tão juntos à porta exterior que ninguém havia querido deitar-se ali. Estenderam-se lado a lado, no escuro, e o cão se aninhou aos pés do homem. Quando êste se movia, incapaz de repousar, o animal também se mexia, enroscando-se ainda mais perto dêle, com um lastimoso gemidozinho.

O desconhecido, porém, deitava-se perfeitamente imóvel, de olhos cravados dentro da treva.

QUANDO A HOSPEDARIA voltou à vida na manhã seguinte e os peregrinos espiaram, ansiosos, pelos vidros embaciados das janelas, verificaram que a tempestade afinal terminara e que o dia prometia ser realmente belo. A alegria diante dêsse fato e de serem capazes de continuar a sua jornada espalhou-se depressa entre êles e cada qual correu para as janelas a fim de olhar para fora. Alguém abriu a grande porta da entrada e por ela jorrou a luz do sol. Muitos saíram às pressas para ter absoluta certeza: sim, era, na verdade, uma radiosa manhã! Agitadamente tornaram a entrar, cuidando de preparar-se para a partida. Deviam sair o mais cedo que pudessem e cada qual se azafamava em juntar os seus pertences.

A grande sala estava cheia de pessoas que amarravam fardos, que reuniam seus objetos em sacolas, ou se atarefavam de qualquer outro modo, nos preparativos da partida. Uns trocavam de roupa e vestiam algo mais apropriado para a caminhada; outros se lavavam

sumàriamente numa tina de água que fôra trazida para o aposento. Mulheres penteavam os cabelos que a noite desfizera, entrançando-os às pressas, o melhor que podiam, e enfiando-os por baixo dos capuzes. Alguns espichavam os pés doridos, pela última vez antes da longa jornada do dia, esfregando nêles unguentos adquiridos de bufarinheiros, que se moviam por ali procurando vender ainda outras de suas mercadorias. Outros vendedores abriam caixas de amuletos, rosários e quadros de santos, na esperança de fazer mais negócios; agora, porém, ninguém tinha tempo para isso. No último momento, uns poucos velhacos tentavam ganhar algo de valor de algum simplório, por permutas; trocadores de dinheiro, com suas bôlsas cheias de moedas falsificadas, ofereciam seus serviços, dizendo suprir qualquer um com a moeda corrente do país a que se dirigisse. Um velho gritava que havia sido roubado durante a noite; descobrira isso quando quisesa pagar alguma coisa. Mas ninguém lhe deu atenção, ninguém tinha tempo. Tudo era agitação, corrida de um lado para outro. Mas alguns caminhavam por ali, de faces pálidas, fantasmais e olhos brilhantes, inteira-

mente alheios ao ambiente que os circundava, murmurando orações enquanto o rosário lhes escorria entre os dedos. Às vezes, detinham-se, de olhos fechados e lábios mudos, apertando nas mãos o crucifixo, apaixonadamente. O curioso desconhecido, a que ninguém notava nem prestava a mínima atenção, olhava à volta de si, atônito, observando como comprimiam nas mãos aquela pequenina imagem do homem que outrora fôra crucificado no Gólgota, apertando-a com tanta fôrça que a cruz deveria ferirlos e cortar profundamente as suas palmas. Afastou-se, mas seus pensamentos continuavam ocupados naquilo.

Sòzinha estava uma mulher surda e muda, que ninguém conhecia, de quem nada se sabia, nem de onde viera, nem por que razão se juntara aos peregrinos. A princípio, tinham-na fitado com grande curiosidade, mas agora estavam acostumados com ela e não lhe davam maior atenção. Era alta e sem côres e tinha os cabelos finos e pálidos.

Um pequeno sino soou, chamando à oração. Todos se detiveram em suas ocupações e se ajoelharam; os bufarinheiros também. Os trocadores de dinheiro e os embusteiros de todos

os tipos juntaram as mãos e, em sussurro, repetiam a oração que lhes era dita. O único a permanecer de pé foi o desconhecido, mas estava à parte e ninguém o notou. Ao olhar por sobre a multidão ajoelhada, pensou no homem com quem falara por tanto tempo na noite anterior, a imaginar se êle estaria no meio dos outros. Não conseguia vê-lo, mas não havia dúvida de que êle se achava ali.

Agora, deviam ser providenciados alimentos para tôdas aquelas pessoas, antes que iniciassem sua vigorosa jornada do dia; muito tempo poderia passar até que encontrassem algo mais para comer. O almôço foi pôsto nas pesadas mesas perto da porta. Os rudes indivíduos que se haviam sentado a elas na noite anterior tinham desaparecido e não eram vistos em parte alguma; deviam ter partido durante a noite, ou de manhã bem cedo. Não havia, junto às mesas, espaço suficiente para todos, e a refeição teve de ser servida por turnos. Mesmo assim, nem todos os peregrinos almoçaram ali: apenas os mais simples, a gente mais pobre entre êles. Os ricos tomavam seu repasto em outra parte da casa. Tendo cavalos e carruagens, sentiam-se menos apressados em partir

e ainda não haviam aparecido. Verificava-se denso apinhamento à volta das mesas e algumas pessoas davam sôcos e empurrões, na ânsia de conseguir o máximo possível de alimentos. Havia os que se sentavam como se estivessem acorrentados às cadeiras e comiam demorada e completamente, sem também economizar a bebida, até serem postos para fora por outros. Mas a maioria era de gente moderada, como convém a peregrinos, e alguns, que faziam mortificação da carne, mal tocavam na comida; contemplavam com descontentamento a gente gulosa que os rodeava e, entre si, murmuravam comentários indignados. Demorou muito até se alimentarem todos.

Agora, os dirigentes dos vários grupos ordenaram que êles se reunissem em frente da hospedaria e todos saíram para fora. A luz que os golpeou ao emergirem da porta quase os ofuscou. O sol, a essa hora, erguera-se um tanto acima das montanhas do oriente e inundava o pujante panorama com seus raios ainda frios, enchendo-o de resplendor e da pureza de um novo dia e tornando tôdas as coisas extraordinariamente claras, até mesmo as mais distantes, de modo que parecia estar-se a ver o

mundo pela primeira vez. Havia, após a chuva, na terra, um frescor de criação recente, como se ela tivesse começado a existir naquela própria manhã e se sentisse alegre por isso. Águas se encrespavam por tôda parte, em ribeirinhos e riachos, que serpeavam, cintilantes, declives abaixo, ou se derramavam sôbre êles em cascatas, e todos os vales estavam repletos de sua canção. Sim, era na verdade a manhã, a manhã da criação, da ressurreição. Todos se achavam extasiados, olhando em derredor, gratos por êsse milagre que associavam à sua peregrinação e que recebiam como uma dádiva das alturas. Nas montanhas mais elevadas caíra neve, a primeira desde o verão, e os picos brancos se erguiam para os céus como um cântico de louvor. Entusiasmados, os caminhanes também se puseram a cantar — uma canção de peregrinos, a mais bela que sabiam — a respeito da Jerusalém celestial que pendia no firmamento, acima da terrestre: o lugar ao qual, na realidade, aspiravam, para chegar ao qual se punham a caminho. Embora fôsse linda a terra, ansiavam ainda, contudo, por deixá-la em troca da cidade celeste. Entre os cantores, a mulher alta, surda e muda, estava de pé, a

olhar à sua volta para aquêlê panorama vasto e insólito.

O desconhecido observava-os de pequena distância, como se disfarçadamente: os rostos dêles, que normalmente eram bastante vulgares e inexpressivos, como os da maioria das pessoas, achavam-se agora radiantes; radiantes de algo que não vinha dêles, que não lhes era próprio, mas... que seria? Não o sabia. Como o poderia êle saber? Mas era algo. E como era estranho que aquelas pessoas fôsem as mesmas que, ainda pouco antes, haviam estado a altercar por causa de comida, e das quais a mulher embriagada dissera tantas coisas desprimorosas na noite anterior!

E ali estava ela, a curta distância dêle, e também ela estava contemplando a multidão arrebatada. Achava-se abatida e pálida, de todo diferente do que fôra na véspera, e parecia muito soturna e acabrunhada. Dava a impressão de estar a procurar alguém em meio à massa dos peregrinos; depois, voltou-se e dirigiu a palavra a uma mulher muito jovem: seria aquela a moça que ganhava dinheiro para sua peregrinação, prostituindo-se? Deveria ser. Contudo, ela não se parecia em absoluto com

isso; e de modo algum era bela. Mas a mulher que fôra chamada Diana falava-lhe ansiosamente, em voz contida, comovida pela proximidade da separação; não queria soltar a mão da outra. Teria inveja da moça que estava para partir naquela hora matinal, no rumo de alguma coisa nova, alguma coisa que ela própria não podia desejar e a que não dava a menor importância? Invejar-lhe-ia isso?

A moça, de seu lado, estava calma e serena; intrigava-a, talvez a agitação da outra, e embaraçava-a o fato de que ela não lhe soltasse a mão. Em suas feições feias, bem rudes, não havia qualquer arrebatamento peculiar; parecia sentir-se nada mais que comumente satisfeita por estar de partida, por poder continuar sua peregrinação. Em seus olhos, todavia, poderia existir um brilho que não se conseguia discernir a tal distância. Muitas coisas, mesmo as mais significativas, dependem da distância de que alguém as contempla e êle não negaria que, na moça, bem poderia haver algo que simplesmente lhe era impossível ver.

Também êle estava procurando por alguém naquele grupo: o homem chamado Tobias, que lhe falara a respeito de suas notáveis aventu-

ras. Era estranho. Não podia ser visto em parte alguma. Não podia estar ali, não se achava ali, em meio da multidão, que agora se completara. Era muitíssimo estranho. E agora a coluna estava pronta para partir. Os dirigentes caminhavam ao longo dela, contando os membros de seus grupos pela última vez e verificando que todos estavam presentes. As duas mulheres que eram demasiado fracas para andar já tinham montado em seus jumentinhos, e o homem que ferira o pé desde muito se sentara em sua mula, impaciente e nervosa. Todos estavam prontos. Apenas Tobias se achava ausente. Ninguém perguntou por êle, nem pensou em esperá-lo, pois ninguém sabia que êle fôsse um peregrino e, na realidade, êle não fazia parte de sua companhia.

Agora, a velha Isabel saiu da hospedaria, com seu andar levemente claudicante. Também ela, sem dúvida, queria ver a partida dos peregrinos. Quantas vêzes deveria ter feito aquilo antes? Quantas vêzes os teria contemplado, a se afastarem em sua longa jornada no rumo daquela região inconcebivelmente distante, de que tanto ouvira falar, mas que nunca veria? Aspiraria também a fazer o mesmo, a partir

como os demais, em vez de ficar apenas cuidando daquela casa? Ou já o tivera feito? Era difícil dizer. Seu velho rosto, enrugado e gasto, nada revelava. Nenhuma mudança se mostrou nêle quando, por fim, a fila de peregrinos se pôs em movimento e a canção de Jerusalém ressoou de novo, ainda mais exultante e jubilosa do que antes. Limitou-se a acompanhá-los com o olhar cinzento.

Diana, porém, de olhos cheios de lágrimas, ficou a contemplá-los, e à moça, que não se voltou, mas, como todos os outros, fitava à frente. Ele ouviu a mulher soluçar.

À testa do desfile, uma enorme cruz de madeira, sem pintura, era carregada bem alto, acima das cabeças de todos. Salientou-se sôbre o fundo do passo da montanha, para o sul e, quando a coluna chegou a uma elevação, recortou-se de encontro ao próprio céu. O estranho ficou a olhá-la, ao ser levada para diante através daquele pujante panorama, como se a terra inteira lhe pertencesse, acompanhada por tôdas aquelas pessoas, por todos aquêles que rumavam para a cidade pequenina, a colina insignificante onde, certa vez, se erguera a cruz. Ficou sozinho, afinal, contemplando...

Nunca seria êle esquecido?

Estava pensando nisso quando, mais tarde, se pôs a caminhar sòzinho pela ampla parte do vale em que se achava a hospedaria.

Era, na verdade, estranho. Tantos haviam sido crucificados naquele Gólgota, naquele montículo a que, agora, todos se dirigiam em peregrinação... Sim, e na mesma cruz que êle, na cruz que diziam ser dêle e que adoravam como a coisa mais sagrada do mundo. Nessa cruz muitos outros haviam sido torturados, pois ela era usada enquanto estivesse em condições de prestar serviço. E, ainda, havia tôdas as outras cruzes antes e depois da dêle, e todos os que haviam sofrido nelas. Mas sòmente êle era considerado como tendo significação; os outros eram o mesmo que nada. Tinham sido esquecidos havia longo tempo; na verdade, ninguém jamais sequer se preocupara com êles, nem tivera qualquer idéia da razão por que sofreram, se eram culpados ou inocentes; nada. Só êle era lembrado. Todos haviam sofrido do mesmo modo que êle, mas seu sofrimento não tinha um sentido em si e por isso fôra es-

quecido. Sòmente no sofrimento dêle havia significação. E êle sabia disso. Sabia. Uma significação para todos os tempos, para todos os homens; êle devia estar repleto dela quando subiu para a sua morte de holocausto. Seria menos difícil suportar o que devia ser suportado quando se estivesse repleto da majestade e do significado daquilo que se iria passar. Devia ajudar grandemente um homem a sustentar seu destino, saber que êsse destino é tão sem precedentes, tão vasto. Não deveria ser a mais difícil de tódas as coisas subir uma colina e deixar-se crucificar.

Dizem que o sofrimento e a morte dêle são os maiores acontecimentos que já se verificaram no mundo, e os mais significativos. Talvez; pode ser assim. Quantos, porém, não são os que devem sofrer, sem que seu sofrimento tenha a menor das significações?

Era isso o que o desconhecido pensava, ao caminhar por ali, em sua solidão. Caminhava curvado, sem olhar à sua volta. Por que o faria? Agora, porém, ergueu a cabeça por um instante e, lá em baixo, numa cavidade à sua esquerda, viu Tobias a andar ao longo de um ribeiro que corria por ali. Caminhava acima e

abaixo, pelo chão nu ao lado da água, onde havia quase uma estrada natural.

Vagueava sem repouso, para lá e para cá, acompanhado bem de perto pelo feio cão amarelo. Era de presumir que tivesse procurado aquêlê lugar para ficar em solidão. O desconhecido ficou a meditar se deveria deixá-lo em paz, mas, após alguma hesitação, desceu a encosta coberta de mato, indo a seu encontro.

Logo que lhe lançou os olhos, o homem pareceu prestes a sair fugindo. Contudo, não o fêz, virando-se simplesmente e fingindo ignorar que alguém se aproximava. O desconhecido desceu até o terreno descoberto e encaminhou-se para êle.

Embora o homem estivesse de costas, era claro que se achava agitado e a aproximação do estranho não pareceu acalmá-lo; bem ao contrário. O desconhecido, entretanto, também não estava inteiramente calmo, pois suspeitava que poderia ser a causa da perturbação do outro, ou ter a culpa disso, ainda que em parte.

— Por que não seguiu com os peregrinos? — perguntou.

Tobias virou-se abruptamente e olhou-o com dureza.

— Por que deveria eu seguir? Não sou nenhum peregrino, nem nunca o serei.

O desconhecido baixou os olhos, evitando os do outro; entretanto, êle os havia visto. E aquêlê rosto magro e ossudo estava frenético.

— Mas, e sua promessa?

— Que promessa?

— A que fêz a ela ... ?

— Aquela mulher, quer dizer ... ? Que há com ela? Que tenho eu a ver com ela?

— Oh, nada, naturalmente. Apenas, contou-me ...

— Conte-lhe? Bem, que importa, se o fiz? O senhor não deveria dar tanta atenção às histórias que as pessoas lhe contam. E eu não vejo em que é que isso lhe diz respeito. Não é de sua conta, de modo nenhum, é?

— Não, é lógico que não é.

— Bem, então, por que veio aqui? Por que está correndo atrás de mim?

O desconhecido não respondeu. Nenhum dos dois disse qualquer coisa por alguns instantes, nem se olharam mutuamente. Depois, Tobias tornou a falar:

— Talvez eu houvesse tido certa idéia de tornar-me peregrino. Mas já tirei isso da ca-

beça, inteiramente; nem mesmo vou pensar mais em tal coisa. Isso não é para mim. Pois não acredito em nada, e nada considero sagrado, tanto quanto sei. Assim, como poderia eu ser algum dia um peregrino? Como poderia viajar para lugares que êles chamam santos, se para mim não o são? Para ser peregrino, deve-se ter algo que justifique a peregrinação. E eu não o tenho.

— Compreendo. E tem inteira razão. Mas havia-me dito que estava indo por causa de outra pessoa.

— Por que o faria eu? Quem me poderia obrigar? Não pode um homem decidir por si mesmo? Eu decido! Ninguém exerce poder sobre mim, nem ela, nem...! Sobre o *senhor* aquêlê homem crucificado pode ter algum poder; deve ter, seu aspecto o mostra. Mas sobre mim, não! Que tenho eu a ver com êle? E com suas chagas? Elas me causam repulsa! *Eu*, ajoelhar-me diante delas? *Eu*? Imagina que êle poderia forçar-me a fazer isso? Eu não me ajoelho diante de nada, *de nada*; nunca o fiz...

Tão acalorado se achava que mal sabia o que estava fazendo, e suas mãos ossudas e cabelu-

das se crispavam como se para defender-se — mas contra quem? Seus olhos estavam frenéticos.

A seus pés o cão começou a uivar, talvez em razão de suas palavras altas e violentas, e fitou-o com olhos úmidos, tristonhos, mesmo de repreensão. Ao som do uivo o homem olhou para baixo; e, de súbito, num paroxismo de loucura, deu um pontapé no animal, mandando-o longe, pelos ares. Foi coisa muito súbita; aconteceu num instante.

No momento seguinte, deteve-se, como se paralisado por seu próprio ato; não podia concebê-lo, não podia compreender o que fizera. Limitou-se a ficar ali parado, com os braços a penderem imobilizados ao lado do corpo.

Depois, atirou-se para o pequeno animal. Havia-lhe dado um pontapé terrível, na cabeça, que devia ter visado inconscientemente, pois dali viera aquêlê olhar. O crânio do cão estava rachado; sangue corria da orelha e das mandíbulas arquejantes, entre os pequenos dentes brancos deixados à mostra pelo lábio dolorosamente repuxado para cima, que ainda estremece. Um dos olhos fôra arrancado para fora

e estava pendente, ensangüentado e sujo, sôbre o mísero e magro pescoço amarelo.

Tobias fitou, siderizado de horror, a carga arrebetada. Arquejando, inclinou-se sôbre o animal, ajoelhou-se ao seu lado e apalpou-o, como para certificar-se de que o cão estava morto, embora o fato fôsse evidente. Nenhum sinal de vida se podia ver, nem respiração, nem o menor movimento das costelas... nada. E o lábio cessara de estremecer. Houve um ou dois repuxões de uma perna traseira; depois, o animal ficou perfeitamente imóvel. Tobias, entretanto, continuou a seu lado, como se para ajudar. Não poderia ter sabido o que estava fazendo e, na verdade, nada havia a ser feito.

Afinal, levantou-se e lançou um olhar ao desconhecido: um olhar de desespero, que mostrava quanto se achava agoniado. Contudo, nada disse; nem o outro falou, pois também estava profundamente comovido. Ambos se mantiveram em silêncio e apenas se podia escutar o rumorejar do arroio.

Assim permaneceram por longo tempo, incapazes de fazer qualquer movimento.

Por fim, Tobias arrastou o corpo do cão para o meio das moitas da encosta e cobriu-o

com algumas camadas de giestas. A seguir, afastaram-se vagarosamente.

Quando chegaram à estalagem, encontraram-na vazia. Não se via ninguém. Todos os peregrinos tinham partido; os fidalgos também se haviam ido, em suas carruagens; a grande casa achava-se como abandonada, com a porta escancarada de todo e o vento a varrer através dela.

Tobias entrou e deitou-se, espichado, num banco. Ali ficou, sem se mover, de olhos fitos no espaço. O desconhecido sentou-se a certa distância. Não falaram.

Bastante tempo depois Isabel entrou na sala varrida pelo vento e viu-os. Ficou surpreendida por encontrar Tobias ainda ali, pois sabia que êle pretendia fazer peregrinação à Terra Santa e pensara que havia partido com os outros. Começou a falar-lhe a tal respeito, fazendo-lhe perguntas, mas êle não lhe respondeu. Nem mesmo ela pôde levá-lo a dizer qualquer coisa ou a dar qualquer resposta, e foi-se embora.

Depois, porém, de haver ficado assim deita-

do por algumas horas — o sol ultrapassara o zênite e estava agora brilhando nas janelas do ocidente — levantou-se do banco, ao que parece inteiramente acalmado, e começou a arrumar sua trouxa. Era uma trouxa muito simples e modesta; acabou logo de fazê-la e, pendurando-a ao ombro, saiu.

O desconhecido acompanhou-o. Não podia deixá-lo sozinho, naquele estado estranho. Censurava-se a si mesmo amargamente e sentia-se mais responsável por aquêlê homem de olhos incendiados do que jamais antes se sentira por qualquer outra pessoa. O incidente junto ao riacho perturbara-o, abalara-o; penetrara em seu íntimo como se ali rasgasse um gôlfo. Não podia explicar isso, mas era assim que o sentia. Percebera que devia ir com aquêlê homem, que estava ligado a êle de algum modo inexplicável e que não poderia ser separado dêle. E se agora, por alguma estranha razão, o homem estivesse começando sua peregrinação — como era sua intenção evidente — por haver matado um cão com um pontapé, então êle também deveria ir. Pertenciam-se mutuamente.

Tobias não deu mostras de fazer objeções a tê-lo como companheiro; antes, parecia que,

depois do que acontecera, não queria que o desconhecido o abandonasse e o deixasse a sós, com suas recordações. Talvez também houvesse sentido que agora, depois daquele incidente inexplicável, tinham os dois algo em comum, ainda que não pudesse adivinhar por que razão o estranho devesse estar tão profundamente comovido por aquilo. Mas nem mesmo o próprio desconhecido ainda o compreendia.

Como se fôsse a coisa mais natural do mundo, deixaram ambos a hospedaria e começaram juntos sua jornada.

Alguém, entretanto, chamou-os e, quando se voltaram, viram Diana a correr no rumo dêles. Então, ela ainda se achava ali! E Tobias, que naquele dia nem uma vez a havia visto, não pôde esconder sua surpresa pelo fato de não haver ela partido com seu próprio grupo, o grupo a que pertencia. Quando, entretanto, a mulher começou a falar em seguir com êle, recusou-se, com firmeza. Isto a encolerizou e entristeceu; imediatamente, censurou-o e insultou-o com amargura, para a seguir pedir e implorar que lhe consentisse ir também.

— Mas não queres seguir em peregrinação — disse êle.

— Não, não quero. Absolutamente não. Mas quero estar contigo!

Isto não produziu efeito sobre o homem. Quando, porém, ela o acusou de tratá-la com crueldade, quando lhe disse quanto era monstruoso atirá-la aos braços daquelas pessoas indignas e forçá-la a continuar a viver com elas, Tobias começou a hesitar.

— E ainda imaginas que és um Cristão! — lançou-lhe afinal ao rosto, com os olhos cheios de lágrimas.

Viu êle, então, que ela estava certa: deveria consentir que seguisse com êles.

Esperaram enquanto ela se aprontava às pressas e depois, afinal, partiram.

O sol ainda estava brilhando, mas agora já se afastara tanto para o poente que deixava evidente ser demasiado tarde para começarem a subir naquele dia até ao passo da montanha. Tobias, entretanto, que ainda parecia inteiramente abstraído, nem sequer pensou nisso e os outros de nada sabiam a tal respeito. O céu estava inteiramente sem nuvens e o vento era suave; o tempo não poderia ter sido melhor.

Nada digno de nota aconteceu enquanto iam subindo na direção do passo, exceto quando

a mulher, ao andar ao lado de Tobias, por acaso indagou abruptamente:

— Que fizeste com aquêlê horrível cão?

O olhar selvagem que recebeu em resposta silenciou-a de repente e advertiu-a a ter cuidado, fôsse qual fôsse o motivo. Sentia-se, porém, alegre de que o pobre animal não estivesse com êles, poupando-lhe ter de vê-lo.

Haviam agora chegado a uma altura considerável; todo o terreno à volta dêles estava coberto de neve, inclusive o vale por onde iam subindo e que se ia tornando mais estreito e agreste, cada vez mais selvático. Iam-se aproximando do próprio passo. Quando o alcançaram, cansados pela íngreme subida, estava caindo o crepúsculo e um vento frio lhes soprava as faces, agitando a neve recentemente tombada nas encostas em pequenos redemoinhos, de aspecto bastante inofensivo para quem não soubesse o que poderiam significar ali em cima. Os viajantes continuaram, ainda capazes de prosseguir caminho apesar das massas geladas erguidas pelo vento. De súbito, porém, num ponto em que a vereda rodeava o ombro que se projetava de uma rocha, uma ventania enregelante atirou-se a êles, trazendo consigo

neve densa e rodopiante e açoitando-lhes as faces de tal modo, que nada podiam ver à sua frente. Isso tomou-os inteiramente de surpresa; ficaram parados, como enceguecidos, chamando-se uns aos outros para não se separarem. Tobias, contudo, que já antes estivera ali, sabia que em algum lugar adiante existia uma cabana de madeira, que fôra construída para peregrinos surpreendidos no passo por essas súbitas tormentas. Ou, pelo menos, acreditava que ela se achava mais para diante, que ainda não haviam passado por ela, embora, em razão do estado de abstração de espírito em que se encontrava, não pudesse ter certeza. Agora, porém, afinal despertou e assumiu a direção. Os outros dois deveriam permanecer onde se achavam e êle iria adiante procurar a cabana. Com isto, porém, a mulher não concordou. E, como não chegassem a acôrdo e só ficassem a gritar um para o outro em meio à tempestade de neve, ela partiu à procura, por sua própria conta, em meio à treva. De fato, agora a luz desaparecera e difficilmente se poderia ver qualquer coisa. A mulher sumiu-se e, por um momento, Tobias não soube o que fazer, pois não podia abandonar o desconhecido. Finalmente,

ambos seguiram na direção que ela havia tomado, a fim de procurar a cabana e também a mulher, receando que ela se pudesse perder de todo na montanha. Mas não encontraram qualquer das duas.

Depois de certo tempo, ela gritou de bem longe que havia achado a cabana; voltou, então, e ajudou-os a chegarem ao abrigo. Havia sido construído bem junto à encosta da montanha, como a mulher sabia que deveria ser, para poder servir de refúgio. Encontraram a porta aberta e quase caíram desmaiados, lá dentro, de exaustão.

Era uma cabana bem pequenina, feita de toros toscos, não desbastados. Isso ainda ela o podia sentir, na escuridão; e no chão de terra achava-se espêssos tapêtes do que parecia ser ramos de abeto. O vento gemia por entre os toros, que, entretanto, davam proteção. A cabana devia ter sido construída recentemente, pois tinha um cheiro agradável de madeira fresca. A mulher achou que era um lugar muito aprazível. A aventura tivera sobre ela um efeito estimulante e desde muito tempo não se sentia tão contente. Desde muitíssimo tempo...

Deitou-se, gozando o cheiro da madeira nova

e o áspero frescor dos ramos de abeto que a rodeavam. Deitou-se a sorrir na escuridão... Depois, caiu a dormir, muito cansada, satisfeita; quase feliz.

Dormiram todos.

Deviam ter dormido até já estar bem adiantado o dia, a julgar pela luz lá fora. Não podiam, entretanto, ver onde estava o sol, pois a tormenta ainda continuava e só havia de visível a neve a redemoinhar furiosamente através do passo. Ela se amontoara sôbre a casinha dêles e quase a sepultara. A mulher, que tentara espiar por uma abertura, ficou grandemente impressionada com isso; alegrava-a, e declarou que assim o lugar ficava menos exposto às correntes de ar. Também parecia alegrar-se porque não podiam pensar em prosseguir, mas teriam de permanecer ali, cercados pela neve. Desempacotou um pouco de pão e queijo de leite de cabra, de que conseguira lançar mão antes de sair da hospedaria, e repartiu-o. Tinha um gosto delicioso, especialmente por haver tão pouco que ninguém poderia receber demais. A mulher gostava de estar

ali; isso era evidente; estava realmente tendo prazer com tal fato. Seu rosto recuperara muito do antigo frescor e seus olhos estavam cheios de brilho e avidez. Parecia deliciar-se com tudo. Sentia-se também deliciada por se achar de novo com Tobias, e daquele modo, naquele tipo de existência. A única coisa de que não gostava era da decisão que êle tomara de fazer peregrinação àquele país, era de sua obstinação. Que poderia êle ter lá? Parecia-lhe insensatez.

— Não acha que é? — perguntou ao desconhecido.

Este, porém, não respondeu. Os dois homens mergulharam em silêncio quando ela falou disso.

— Também vai para lá? — indagou ela, olhando dentro daqueles olhos antigos, antiquíssimos, que lhe pareciam tão estranhos, tão misteriosos, tão diferentes dos seus, que eram alertas e terrestres como os de um caçador.

Ele continuou sem responder.

— É por causa daquele homem crucificado? Que tem a ver com êle?

Vendo que êle nada dizia, encolheu os ombros.

— E Tobias? Que tem êle a ver com qualquer coisa disso? Simplesmente não compreendo!

Tobias permanecia silencioso, mas parecia meditar nas palavras dela, que o perturbavam e oprimiam.

Então ela começou a falar de outras coisas e isso, evidentemente, foi para êle um alívio.

Afinal, o tempo pareceu clarear; de qualquer modo, o vento caíra um pouco e começaram a pensar se poderiam aventurar-se lá fora. Tentaram abrir a porta, mas era quase impossível, em razão de tôda aquela neve: os empurrões que davam comprimiam-na fortemente. Só depois de algum tempo conseguiram que ela cedesse o bastante para saírem, espremendo-se. Depois disso, tiveram quase de cavar seu caminho em meio da camada de gelo que se acumulara entre a cabana e a estrada. Mas ali a neve não estava tão profunda e conseguiram, de algum modo, ir à frente com esforço.

O vento, em verdade, amainara e, agora, tinham-no às costas. Mesmo assim, podiam enxergar pouco, pois a neve ainda turbilhonava à sua volta e mal conseguiam adivinhar por onde corria o caminho, por onde parecia mais natural que êle corresse. A mulher tinha me-

lhor faro para descobri-lo e marchava à frente dos outros. O solo não era inteiramente aplainado e subia num aclave apenas suave. Não demorou muito para que sua estrada começasse a descer a montanha. As encostas, de cada lado dêles, inclinavam-se, enquanto a queda da neve diminuía, e lá em baixo, sôbre o chão do vale, ouviam o débil cantarolar da água sob sua frágil crosta de gelo: água ativa e brincalhona, que podia ser avistada aqui e além por baixo da película que se adelgaçava, a fluir na mesma direção que êles tomavam.

A neve parou de cair e o ar, à volta dêles, ficou claro. Ao mesmo tempo, o passo alargou-se e, bem de repente, muito longe, lá em baixo, avistaram um amplo vale a estender-se à luz radiante do sol. Jazia lá como a porta inesperada e acolhedora de uma terra alegre, em que mal se poderia acreditar. Contudo, parecia bastante real, com seus campos lavrados e pequenas aldeias subindo montes que já não eram tão desordenadamente elevados. Uma terra aparentemente criada para a felicidade e um perpétuo brilho solar.

A mulher estava extasiada e por longo tempo caminhou em silêncio, coisa insólita

para ela; limitava-se a contemplar aquilo, com uma avidez incomum nos olhos. Era como olhar para outro mundo, um mundo inteiramente diferente. Parecia, porém, tão afastado, apesar da clareza com que todos os seus pormenores se salientavam... Aquilo era, realmente, algo que valia a pena desejar com intensidade...

O terreno em que se encontravam era ainda selvagem e, embora o vale se tivesse ampliado, as encostas continuavam abruptas de ambos os lados, com blocos de gelo e seixos rolados e mato rasteiro onde houvesse solo bastante para crescer. A estrada desenrolava-se a certa altura pelo flanco da montanha e lá de baixo vinha o som da pequena correnteza, agora inteiramente liberta da capa gelada. Tôda a neve também se fôra e da terra amável lá em baixo vinham brisas suaves ao encontro dêles. Caminhavam fãcilmente, quase sem esforço, naquele ar resplandecente.

De repente, viram à sua frente uma grande carruagem de viagem que se despenhara pela encosta íngreme e fôra parar a curta distância de um par de rochas, a meio caminho do fundo do vale. Apressaram-se em descer até ela, com cascalho e seixos a deslizarem sob os seus pés.

A parte dianteira da carruagem estava espatifada e, entre os varais partidos, jaziam mortos os cavalos, com as pernas quebradas; haviam sido terrivelmente feridos na queda e estavam recobertos de sangue coagulado. Não se via ninguém e tudo estava quieto, o que não era de admirar; contudo, o efeito daquela quietude era estranho, em contraste com a violência recente. A carruagem tinha sido abandonada e deixada daquele modo pelos que haviam testemunhado sua destruição.

Dentro, porém, do veículo semicoberto, avistaram o fidalgo de nome grandiloquente, que jazia de costas, com a garganta cortada. Lá estava ele, em sua magnífica carruagem, mas agora caído de costas e sem vida. O cofre de dinheiro já não se achava ali, nem ali estava qualquer dos muitos servos e lacaios que cuidavam d'ele e adivinhavam seus desejos antes mesmo que ele dissesse uma só palavra. Nenhum d'eles permanecera; o nobre ficara inteiramente sozinho.

A mulher pensou compreender o que acontecera; tinha quase certeza. Ao serem atacados, todos os criados haviam fugido, chicoteando ferozmente seus cavalos para salvar a vida;

não tinham sentido o menor desejo de sacrificar suas próprias peles pelo homem que sempre haviam adulado, como se apenas vivessem em razão dêle. E os bandidos, depois de lhe haverem cortado a garganta, depois de se apoderarem do cofre a que êle dava tanta importância e que não ousava perder de vista, impeliram os cavalos com a carruagem pela beira da encosta, a fim de dar àquilo a aparência de um acidente, ainda que a garganta cortada tornasse isso um tanto improvável. Tais homens, contudo, não se preocupavam demasiadamente com pormenores.

Era assim que ela explicava o acontecido, e sem dúvida tinha razão.

— Dêsse modo — concluiu — aquêles cofre repleto de dinheiro nunca chegará a Jerusalém. Eu não lhes disse?

Parados, contemplavam a aniquilação da grandeza recente. Nada restava dela, além de destruição e morte. Tobias passou por entre as duas rochas para examinar um dos cavalos, que se havia prendido ali e que, imaginou, mostrava algum sinal de vida; se fôsse assim, deveria ser-lhe abreviada a agonia. Mas Tobias estava enganado: não havia, ali, vida alguma.

A mulher, entretanto, olhou por sôbre o vale selvagem, do lado oposto ao da queda, observando inconscientemente tudo, de olhos aguçados. De súbito, avistou uma flecha que voava pelo claro ar da montanha, lançada de alguma parte do lado contrário; provavelmente, de entre as moitas que lá cresciam. Era dirigida contra êles... e no instante imediato ela compreendeu que se destinava a Tobias; era êle o alvo. Deu um grito, mas Tobias, que olhava para o outro lado, não pôde entender o que acontecia. De qualquer maneira, não poderia ter-se movido com rapidez suficiente, por se achar quase prêso entre as pedras. Como um relâmpago, a mulher correu e atirou-se à frente dêle, no momento preciso em que chegava a flecha.

Ouviu-lhe o agudo gemido e sentiu no peito uma punhalada mal discernível; absolutamente não magoava. Com um sorriso leve e dorido, encolheu-se e levou a mão ao coração. Em seguida, caiu por terra.

Tudo foi muito rápido. O desconhecido, primeiro a ver o que acontecera, correu para o lugar. E, quando Tobias se virou, espantou-se por vê-la tombada ao chão, a sangrar, com uma

flecha no peito. Baixou-se depressa e arrancou-a. A mulher gemeu e lançou-lhe um olhar de censura, pois, evidentemente, aquilo doía muito. Ser ferida por uma flecha, contudo, não doera.

Tobias olhou o panorama em tórno às tontas, como se quisesse descobrir de onde viera a flecha, por que razão viera. Tudo, no entanto, estava quieto e imóvel. Nenhum atirador se via; nada se movia, nem aqui, nem no lado oposto. Na verdade, nada se movera, em tempo algum. Uma flecha voara: era tudo. E era essa a coisa estranha. De onde? De quem?

Acabrunhado, inclinou-se sôbre a mulher que lhe salvara a vida, que dera a vida pela dêle. Quando, em extrema agitação, lhe disse isso, ela se limitou a sorrir-lhe: um pálido sorriso. Havia ficado muito branca, e isso a tornava bela — tão bela quanto havia sido outrora, tanto tempo antes! Tudo nela era de novo puro e digno de amor; não estava devastada nem deformada por qualquer coisa que não lhe pertencesse, que realmente não lhe poderia pertencer. Disso, nada restava.

Ela passou-lhe a mão pelo rosto magro e

barbudo e disse, com sua voz profunda, cheia de suavidade:

— Espero que chegues à terra por que anseias tanto.

A mão dêle alisava-lhe os cabelos, que lhe rodeavam o rosto pálido, despenteados, espessos e vermelhos. Não conseguia, porém, proferir uma palavra.

Então ela sussurrou, muito mais fracamente do que antes, pois suas fôrças haviam fugido:

— Chama-me Diana ... mais ... uma vez ...

Ele curvou-se e fitou-a bem nos olhos, o que desde muito tempo não fazia. Por que não o fizera? Por que não?

Diana ... Diana ... deusa da caça ...

A mulher sorriu, quase feliz, e por isso êle compreendeu que ela o escutara. Logo a seguir, estava morta. Mas continuava a sorrir um pouco, imóvel.

NUMA ENCOSTA DO SUL, um pouco mais para baixo no vale, erguia-se um velho carvalho. Ali a sepultaram, para que pudesse repousar sob sua própria árvore, a árvore de Diana. Tobias levou-a nos braços até aquêlê lugar, não querendo que ela ficasse na garganta em que encontrara a morte e onde tanta coisa horrível acontecera. O carvalho tinha uma folhagem incomumente escura, pois era um carvalho de fôlhas perenes, sendo assim, na realidade, a árvore de Diana. Seu verdor imemorial distinguia-o de tudo o que por ali havia, de tôdas as coisas que o rodeavam.

Depois, os dois homens se sentaram e conversaram, ao lado do túmulo. Tobias estava inteiramente acabrunhado e cheio de remorsos, pois sabia que devia culpar-se pela morte da mulher e por lhe haver causado tanto mal; não cuidara devidamente dela, nem a levara em consideração, nem recordara o que ela realmente era. Tinha agora muita coisa a censurar a si mesmo.

Com surprêsa sua, o desconhecido duvidava

mais de sua culpa. Era certo que ela se sacrificara; atirara-se à frente e o protegera com seu próprio corpo; contudo, o desconhecido não estava totalmente convencido de que fôsse essa a razão de sua morte.

— Que quer dizer? Não o compreendo?

— Quero dizer: é tão certo que a flecha o visasse diretamente?

— A quem mais visaria? Era a mim que o atirador procurava, porque eu lhe havia arrebatado a mulher... ou assim êle julgava. Isto é bastante claro e fácil de compreender.

— Mas, vê, não encontrou qualquer sinal de alguém, quando foi ver lá do outro lado... nada indicava que qualquer pessoa tivesse estado lá.

— É, isso é verdade. E foi uma coisa muito estranha, devo confessar.

— Por que qualquer dêles teria ficado para trás, depois do assalto? Por que ficaria para esperá-lo, precisamente lá.

— De fato, tem razão. Mas quem poderia ter sido?

— Não é facil dizer. Não sei. Mas não é impossível que a flecha possa ter sido destinada a ela.

— A ela? A ela? Mas o alvejado fui eu; seus próprios olhos o viram.

— Sim. Teria de ser assim. Se fôsse ela a alvejada, não teria tido a oportunidade de morrer em seu lugar. E era isso o que ela devia fazer.

— Que quer dizer?

— Não quero dizer nada. Estou apenas dizendo que não sei. Não posso encontrar qualquer explicação real. Talvez nem haja explicação alguma. Inúmeras vezes é assim.

— Mas, por certo, não acredita que ela quisesse morrer...

— Não. Acredito que a flecha queria que ela morresse. E queria que a sua morte fôsse feliz. E foi. Não foi?

Consigo mesmo, o desconhecido pensou: que felicidade ser capaz de morrer! Esta é a terra pela qual um homem deve realmente ansiar: a terra da morte, a terra santa...

Ficaram sentados em silêncio, por algum tempo.

Depois, levantaram-se e continuaram a jornada.

Quando chegaram às terras cultivadas, já vinha caindo o crepúsculo. Na encosta do monte havia uma aldeia, ou talvez uma pequena cidade; de qualquer modo, rodeava-a um muro. Era um aglomerado de casas que se agarravam à montanha e umas às outras, tôdas semelhantes, de paredes brancas, quase sem janelas, com telhados de um amarelo pálido. A aldeia cintilava à luz do sol poente. Decidiram passar a noite ali.

Havia um albergue pobre, em que entraram. Ao se sentarem diante de uma refeição simples, souberam que o grupo de peregrinos havia passado por ali no dia anterior, mas sem deter-se; agora, já deviam ter viajado bastante pelo país. Ao ouvir isto, Tobias teria preferido tornar a partir imediatamente, mas era impossível, pois a noite chegara e os dois estavam cansados em demasia. Tobias dormiu agitado, movendo-se a todo instante. E, pela manhã, ao pagar o albergue, estava grandemente perturbado e sua mão tremia ao segurar o dinheiro. O desconhecido compreendeu a razão disso, mas fingiu que não o notava.

Quando já haviam percorrido certa distân-

cia, o próprio homem começou a falar a tal respeito.

Ela estivera absolutamente certa ao dizer que êle tinha conseguido o dinheiro para sua peregrinação de modo desonesto. Estava viajando à custa de bens mal adquiridos; iria pagar sua passagem para a Terra Santa com dinheiro roubado, se de algum modo conseguisse chegar ao pôrto. Agora, queria atirá-lo fora, livrar-se dêle; era dinheiro do pecado, ganho através do crime; havia até mesmo sangue a manchá-lo. Contudo, se fizesse isso, jamais atingiria sua meta, jamais cruzaria o mar, jamais chegaria à Terra Santa, pela qual tanto ansiava. Era êsse o seu problema.

Meditou a êsse respeito, pois isso parecia-lhe demonstrar sua baixeza, a dubiedade de sua pessoa e de seu empreendimento. Sentia-se agoniado ao pensar nisso.

— Sou um verdadeiro peregrino? Sou? — exclamou, amargurado.

Sentou-se ao lado da estrada, com a cabeça nas mãos. O rosto ossudo e barbudo estava desfeito. Agora, não havia questão de pressa; limitou-se a sentar-se ali, de olhos baixos, fixos na poeira do caminho.

O desconhecido tentou auxiliá-lo, dando-lhe ouvidos; era a única ajuda que podia prestar. Escutou suas dúvidas, suas incertezas, sua indecisão. Sim, êle estava verdadeiramente incerto com relação a tudo.

— Diga-me: por que é que anseio? Não compreendo.

Entretanto, êle estava perturbado, perseguido por aquilo que não compreendia, fôsse o que fôsse; aquilo não lhe dava paz. E, de repente, levantou-se e prosseguiram a caminhada. Êle estava ávido por ir adiante; sua própria indecisão parecia acicatá-lo. Ou talvez, com essa avidez, tentasse amortecer as dúvidas que moravam em seu íntimo.

Sua viagem foi retardada por diversas vezes, dessa maneira, e não prosseguiram tão rapidamente quanto deveriam. E em cada local de parada, em cada hospedaria, eram informados de que o grupo de peregrinos passara por ali algum tempo antes.

Um dia, entretanto, viram afinal o mar, lá em baixo, à sua frente, vasto e aberto; e, na baía, a cidadezinha, com o seu pôrto de peregrinos, circundada de elevadas montanhas: era

o panorama que enchera tantos caminheiros de alegria e de infinita aspiração.

O lugar estava ainda muito distante, mas esperavam chegar a êle ao anoitecer. Tobias ficou sob enorme excitação, querendo ir depressa, o mais ràpidamente que pudessem. Enquanto caminhavam, lançava continuamente os olhos para as grandes águas. Nunca antes havia visto o mar e estava enfeitiçado por êle. Era um mar escuro e picado; bem ao longe, branquejavam franjas de espuma. O vento soprava ao lado da terra.

A descida exigiu-lhes mais tempo do que esperavam, pois a estrada serpeava pelos flancos montanhosos e só gradualmente descia na direção do mar. O dia chegava ao têrmo e, quando por fim atingiram a cidade, já estava quase escuro. Tiveram apenas o tempo de entrar, antes que os portões citadinos se fechassem para a noite.

Sabiam haver ali um mosteiro em que se alojavam peregrinos enquanto esperavam a travessia marítima. Não ficava longe do pôrto e indagaram o modo de chegar até êle.

Do lado de fora do portão, uma chama ardia diante de uma imagem da Virgem. Bateram e

um Irmão saiu. Quando perguntaram a respeito do navio de peregrinos que em breve deveria zarpar para a Terra Santa, ficaram sabendo que êle saíra do pôrto naquele mesmo dia, não muito depois das doze horas, pois os ventos haviam sido favoráveis e todos os grupos de peregrinos procedentes de diferentes lugares já tinham chegado ali. Nenhum outro navio estava para partir, pois em breve os temporais do outono começariam e durante o inverno, que abrangia meio ano, não se faziam viagens.

Tobias, ouvindo isto, ficou extremamente abatido. Seus lábios tremeram e mal conseguiu pronunciar uma palavra; limitou-se a uma expressão de agradecimento ao Irmão, pela informação que dera, pela sentença que, sem o saber, proferira contra êle.

Pois era uma sentença. Uma terrível sentença contra êle, e também um sinal indiscutível. Precisamente quando êle chegava ao mar, ao pôrto dos peregrinos, a embarcação que conduzia os verdadeiros, os autênticos peregrinos havia partido, desfraldando suas velas para a viagem sôbre as águas desconhecidas, até à terra que êles iriam ver, mas êle não.

Era assim. Assim teria de ser.

Era assim e assim teria de ser... Repetiu consigo mesmo estas palavras e elas o encheram de um desespero tal como nunca antes sentira, nem jamais sonhara que pudesse sentir. O que perdera, o que não iria atingir, o que não fôra escolhido para experimentar erguia-se à sua frente como o único alvo, a única coisa pela qual valia a pena viver, pela qual valeria viver e morrer. Perder isso era perder sua alma e, virtualmente, não mais existir, nem aqui, no tempo, nem na eternidade; era perder tôda esperança. Ficou a olhar fixamente a noite e seus olhos estavam alucinados de desolação e desesperança, com um brilho que não morreria, embora devesse ter morrido agora e para sempre.

Os outros dois nada notaram, pois estava escuro e a luz da pequenina chama junto à Virgem não chegava até êle. De repente, enquanto ali estavam de pé, Tobias desvaneceu-se nas trevas. Foi engolfado por elas e não mais se viu ao lado dêles. O Irmão olhou, cheio de surpresa, para o desconhecido, que balbuciou não compreender aquilo. Devia partir à procura do outro. O monge assentiu com um gesto de cabeça e separaram-se.

Não o conseguiu encontrar em parte alguma das ruelas da vizinhança. Procurou-o mais e mais adiante, até haver coberto a maior parte da cidadezinha, mas o homem não se achava em lugar algum. Não podia imaginar para onde êle havia ido. Perguntou a um ou dois passantes se o haviam visto, mas ninguém o vira.

Afinal, ocorreu-lhe a idéia de que talvez êle tivesse descido até ao pôrto, embora realmente aquilo não tivesse sentido. Que poderia fazer ali o homem desaparecido, a tal hora da noite?

O pôrto jazia escuro e deserto. Da distância, na noite, vinha o abafado e ameaçador estrondo do mar alto; ondas encapeladas deviam estar correndo, apesar de ali quase não haver sinal delas. Era um pôrto bem abrigado, preparado pela própria natureza: até mesmo o cais chegava a parecer uma formação natural, que apenas aqui e ali fôra aprimorada. Não havia ninguém por ali, até onde o desconhecido pôde ver a princípio; nem também um só navio. Apenas umas poucas rêdes de pesca, espichadas, se erguiam na praia. Mas, ao longo da própria extremidade do molhe, bem contra o penhasco, via-se um barco que naquele momento içava as velas. A tela ressoava, enfu-

nando-se, ao distender-se; foi isso que lhe disse que alguma coisa ocorria ali, e caminhou na direção daquele som.

Uma lanterna pendia do estaleiro e no cais, por baixo dela, achavam-se alguns homens, aparentemente em animada conversação. Ao chegar mais perto, o desconhecido verificou, com surpreza e assombro, que um dêles era Tobias. Não o viu a princípio, pois se achava no meio dos outros, cercado por êles. Havia ali três homens, cujos rostos não eram de molde a inspirar confiança; eram personagens duvidosos. De fato, tinham o aspecto de completos velhacos. Como fôra Tobias dar com êles?

Aproximou-se ainda mais, embora não tanto que pudesse ser visto, e foi capaz de ouvir o que estavam dizendo.

Os homens, evidentemente, diziam a Tobias que estavam de viagem para a Terra Santa em seu barco e que êle poderia seguir com êles, se lhes pagasse bem. Falava-se muito em pagamento; isso o desconhecido conseguia ouvir. Não havia dúvida de estarem êles tentando descobrir quanto êle possuía, de modo a ajustar seu preço de acôrdo com isso. Tobias pare-

cia encontrar dificuldades em entendê-los, mas a parte importante era fácil de apreender. Eles juravam que realmente estavam de viagem para a Terra Santa e que queriam dinheiro em quantidade. Tobias estava excitado e seu rosto magro parecia quase febril à luz bruxuleante da lanterna.

Afinal, êle tirou seu dinheiro — todo êle, sem qualquer dúvida — e sua mão se sacudiu, como se o estendesse aos homens. Estes o agarraram e contaram-no com avidez, ficando claramente atônitos diante do total; apesar disso, disseram que era, em verdade, demasiado pouco, mas êle poderia acompanhá-los, de qualquer modo.

Pareceram súbitamente tomados de grande pressa e começaram a sussurrar uns aos outros que se acelerassem. Os preparativos finais para zarpar foram feitos rapidamente e Tobias foi quase puxado para bordo. Era como se, por alguma razão, o barco fôsse verdadeiramente, compelido a deixar o pôrto. Difícil seria dizer que tôrvo negócio pretendiam fazer aquêles homens, mas havia razão suficiente para pensar que tudo não estava como deveria ter sido. A própria embarcação parecia sus-

peita, ao balouçar-se em seu ancoradouro, com o vento a forçar impacientemente sua vela suja. Era um barco gasto e maltratado, emparelhando-se com a escória que o tripulava.

— A Terra Santa! — riu o sujeito que atirou o cabo de amarração a bordo e pulou por cima do parapeito. Disse alguma coisa a outro da tripulação, de aspecto igualmente rufianesco, e ficaram os dois a rir juntos, roucamente. Tobias não era mais visto.

O barco desviou-se do cais e sua vela se enfunou imediatamente. O vento devia ter ficado consideravelmente mais forte e, por certo, no mar alto estaria soprando com fúria. A embarcação saiu do pôrto a boa velocidade, desvanecendo-se cada vez mais dentro da noite. O desconhecido permaneceu a observá-la, acompanhando-a em seu caminho para o ignorado. Afinal, não a pôde ver mais e tudo se tornou treva.

— POR QUE ME PERSEGUES? Por que nunca me deixas em paz? Por que nunca me perdoas?

“Que te fiz eu para que devesse ser vingado, para que sempre estivesses a pensar em tua vingança? Que fiz eu? Proibi que encostassem tua cabeça em minha casa. Foi tudo. Não foi?

“Quantos outros não têm feito a mesma coisa? A mim, porém, não perdoarás... a mim não esquecerás. Embora isso tivesse sido há tanto tempo... Desde então, muitos te negaram a mesma coisa, tantos que nem te podes lembrar de todos êles. Mas de mim tu te lembrás, de mim nunca te esqueces. E eu não te esqueço.

“Por que me forças a pensar constantemente em ti? A pensar em como vinhas pela rua, arrastando a tua cruz? Que havia de tão estranho em tal coisa? Eu morava naquela rua e havia visto o mesmo espetáculo vêzes sem conta, desde quando era criancinha. Por que, então, deveria eu ter prestado tanta atenção

daquela vez... tanta atenção a ti? Se alguém mora numa rua por onde continuamente passam homens com suas cruzes, por que iria notar, um dia, que um dêsses homens é filho de deus? Como podes esperar tal coisa? Esperas demasiado. És demasiado implacável para comigo, nas exigências que me fazes.

“Pensas que és o único a suportar o teu destino, o teu sofrimento, a tua crucificação. Mas sabes muito bem que não o és. És simplesmente um entre muitos, num desfile sem fim. A humanidade inteira é crucificada, como tu; o próprio homem é crucificado; tu apenas és aquêlê para quem os outros erguem os olhos quando pensam em seu destino e em seu sofrimento, e em como são vítimas do sacrifício; és aquêlê a quem, por causa disso, êles chamam o Filho do Homem. Compreendo isto; descobri-o, afinal; o homem jaz abandonado em seu leito de tormentos, num mundo desolado, sacrificado e ao desamparo, estendido sôbre um pouco de palha, marcado pelos mesmos ferimentos que tu ti-veste. O sofrimento e o sacrifício se espalham por sôbre a terra inteira, e através de todos os tempos, embora sômente tu sejas chamado o Crucificado... sômente tu entre todos aquêles

que também o foram; quando alguém pensa em dor, em angústia, em injustiça, pensa em ti. Como se não houvesse outra dor além da tua, nem outra injustiça além daquela cometida contra ti.

“Mas quem foi que fêz com que êles te crucificassem, quem te destinou ao sofrimento e à morte? Quem te sacrificou... a ti, que êle chamava seu próprio filho, fazendo com que cresses que o eras? Quem exigiu êsse sacrifício, que êle também exigiu de tantos outros — o sacrifício, acima de todos os sacrifícios, o sacrifício que nunca seria esquecido, o sacrifício daquele mesmo que fôra o eleito? Quem fêz a oferta do Filho do Homem?

“Deverias saber; deverias saber como êle é, tu que persistes em chamá-lo teu pai, embora êle nunca se tenha importado contigo, nunca tenha mostrado que te ama; embora êle te haja deixado pendente ali, quando lhe clamaste no mais profundo de seu desespero: ‘Por que me abandonaste?’ Esqueceste isto? Esqueceste como êle te abandonou?

“Êle sacrifica os homens! Êle exige sacrifícios contínuos — sacrifícios humanos, crucificações! Ê assim que êle é, se apenas me queres

dar ouvidos. Eu sei... eu, que arrastei comigo a minha maldição através das eras, que a arrastei assim como arrastaste a tua cruz, apenas muito mais longe do que tu. Minha maldição como o inimigo de deus, o renegador, o blasfemador, o rebelde contra deus... Pois foi êle quem me amaldiçoou, não fôste tu. Sei disso — cheguei a compreendê-lo afinal. Apenas pronunciaste o que êle te incitou a dizer. Dêle eram o poder e a vingança. Que poder tens tu? Tu mesmo fôste entregue, sacrificado, abandonado. Agora eu compreendo: tu eras meu irmão. Aquêles que pronunciou a maldição sôbre mim era o meu próprio irmão, era êle próprio um homem infeliz e amaldiçoado.

“Agora compreendo tudo isto. Pois agora rasguei de alto a baixo o véu do santo dos santos e vi quem êle é. Agora, finalmente, êle perdeu seu poder sôbre mim. Finalmente, eu o dominei... finalmente, venci deus!

“Ergui de sôbre meus próprios ombros a maldição. Libertei-me de meu destino e dominei-o. Não com a tua ajuda, nem com o auxílio de ninguém, mas por minhas próprias fôrças. Salvei-me. Conquistei. Conquistei deus.

“É por isso que aqui estou deitado e sinto

a morte aproximar-se: a boa, a misericordiosa morte, pela qual ansiei por tanto e tanto tempo... a morte que não me deveria ser concedida.

“Agora, sinto que ela está vindo para mim, em sua grande misericórdia; a irmã da vida, que nada deveria ter comigo, está vindo, afaçando-me a testa com a sua mão fria, a única que pode consolar e dar a paz. Há longuíssimo tempo ninguém me tem acariciado. Mas nunca houve mão pela qual eu ansiasse tanto quanto pela tua. Agora, sei que não me deixarás, que irás ficar até me lebares contigo para o teu reino, até me conduzires à tua terra santa!”

— Desde quando venho jazendo nesta casa de silêncio? Quanto tempo se passou desde que aqui cheguei, desde aquela noite de tormenta em que o peregrino que não era um verdadeiro peregrino fugiu para dentro da treva, para o desconhecido, para quê? Desde quanto tempo fico deitado a ouvir a tempestade lá fora no mar, a soprar cada vez mais violentamente? A soprar, talvez, para destruir aquêlê homem? Ou terá êle chegado? Chegado, aonde?

“Não sei por que é que êle ansiava, mas deve ter sido algo da mais extrema importância. Ainda que êle tenha perecido na tempestade, ainda que a ralé daquele barco o tenha roubado e talvez carregado para algum outro lugar inteiramente diferente, ainda assim aquilo por que êle ansiava deve ter sido da mais extrema importância. Êle me fêz compreender isso. Era algo tão importante que melhor seria perder a própria vida do que perder a própria fé em tal coisa.

“Que assim é, mesmo eu, o inimigo de deus, o blasfemador e o renegador, devo reconhecer. E inteiramente o reconheço.

“Além dos deuses, além de tudo quanto falsifica e envilece o mundo da santidade, além de tôdas as mentiras e contrafações, de tôdas as divindades distorcidas e de todos os abortos da imaginação humana, deve haver algo de estupendo, que nos é inacessível. Algo que, pela nossa própria falência em captá-lo, demonstra quanto é inacessível. Além de tôda a sagrada desordem, a coisa santa em si mesma deve existir. Nisto eu creio, disto estou certo.

“Deus nada significa para mim. Na verdade, êle me é odioso, porque me engana a respeito

desta própria coisa e a oculta de mim. Porque, acreditando que ansiamos por êle, esconde aquilo por que ansiamos. Porque nos mantém afastados disso.

“Sim, é deus quem nos separa do divino. Impede que bebamos da própria fonte. Diante de deus não dobro os joelhos... não, e nunca o farei. Mas alegremente eu me estenderia junto à fonte para beber dela... para saciar minha sede, a sede requeimante, que sinto, de algo que não consigo conceber, mas sei que existe. Diante dessa fonte eu alegremente cairia de joelhos.

“E talvez seja isto o que estou fazendo agora. Agora, que a batalha terminou e, afinal, posso morrer. Agora que, finalmente, conquistei a paz.

“Não sei o que essa fonte esconde em suas escuras profundezas. Se soubesse, poderia muito bem estar aterrorizado. Mas desejo beber dela. Talvez sejam essas próprias profundezas o que possa saciar a minha sede ardente.”

Deitado, olhava para o pequeno quarto, branco e nu, o qual, a seus olhos fatigados, não exhibia limites certos, mas era simplesmente uma limpeza e uma claridade em que êle repousava. Lá fora, o mar não mais murmurava como estivera a fazer todo o tempo; ou talvez êle não mais conseguisse ouvi-lo? Quem sabe se todos os sons terrenos, todos os murmúrios terrenos não haviam partido dêle, quem sabe se já não mais poderia ouvir tais coisas? Êle devia estar numa espécie de desmaio, um desmaio de luz.

Alguém abriu a porta cuidadosamente e entrou. Êle não podia mover a cabeça e nem mesmo ver com clareza qualquer coisa, mas sabia que deveria ser o pequeno Irmão leigo que costumeiramente aparecia para certificar-se de que não lhe faltava coisa alguma. Deveria ser êle, embora não mais o pudesse ver.

Tê-lo-ia alegrado contemplar aquêle rostinho enrugado, com seu sorriso sempre amistososo, mas, embora o recém-chegado se aproximasse da cama, não o conseguia discernir. Era triste não poder vê-lo, nunca mais tornar a vê-lo. Jamais voltaria a contemplar uma face humana. Era estranho que lastimasse isso, êle

que, durante sua existência, não tivera qualquer amor especial pelos seus semelhantes.

Havia algo de curioso naquele Irmãozinho, que cuidara dêle e o atendera tão amorosamente durante todo o tempo. Parecia-lhe um tanto familiar, como alguém que já houvesse encontrado antes; sentira isso desde o início, mas não pudera descobrir onde ou quando. Provavelmente, era imaginação. Mas, quando o observava a caminhar por aquela cela, de pés nus, que estavam inteiramente pretos por baixo, por andarem sempre descalços, havia qualquer coisa de familiar nessa visão: era algo de que êle se lembrava. Mas nunca pôde descobrir por que razão.

O homenzinho não era um monge, mas apenas um Irmão servente, que cuidava dos enfermos, como agora estava cuidando do desconhecido. Era o mais humilde dos homens, e parecia perfeito na bondade, naturalmente bom; era, em verdade, de causar infinito assombro o fato de existir realmente uma pessoa assim. O homem prestes a morrer só se podia sentir grato por ser precisamente êste o último ente humano que iria encontrar.

Agora, sentia que êle ajeitava o travesseiro.

Era delicioso saber que êle se achava ali. Mas via-o simplesmente como uma coisa escura, como uma sombra a seu lado.

E de repente o quarto se encheu de uma luz radiosa. Era extraordinário. Acontecera tão súbitamente como por milagre.

— Que luz é esta... esta luz gloriosa que posso ver? — sussurrou dèbilmente, tão fracamente que o pequenino Irmão leigo mal o pôde apreender. Compreendeu, entretanto, o que o moribundo deveria estar perguntando, pois o sol rompera por entre as nuvens e agora cintilava diretamente dentro do quarto, através da pequena janela da parede do sul, que dava para o mar.

Inclinou-se e explicou que as nuvens se haviam dispersado e que o sol estava brilhando diretamente sôbre o enfêrmo. Pois só queria dizer exclusivamente a verdade e expor os fatos tais como eram. E o moribundo pareceu contentar-se com esta explicação simples de uma coisa que o havia enchido de grande espanto. Fechou os olhos, mas continuou a sentir a luz que caía sôbre êle: ela estava ali, *era* ela.

E com essa luz — a luz tão familiar à terra — a descer sôbre êle, deixou o mundo.

Por longo tempo o pequeno Irmão leigo ficou a contemplar o morto: seu rosto impressionante, que agora irradiava tão perfeita tranqüilidade. Não se mostrara assim quando chegara ali, naquela noite tempestuosa. Que o teria mudado tanto?

Quem poderia ser êsse desconhecido, êsse hóspede singular? Não o sabia. Ninguém no mosteiro o sabia. Seria realmente um peregrino? Seria mesmo um Cristão? Ninguém sabia.

Mas sua paz era grande. Isso se podia ver.

Continua no livro

"ENCONTRO COM O MAR"

Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da Livraria do Globo S. A. em Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria, Pelotas e Rio Grande

EDIÇÃO 2213 A — Para pedidos telegráficos deste livro, basta indicar o número **2213 A**, antepondo a esse número a quantidade desejada. Por exemplo, para pedir 5 exemplares, é suficiente telegrafar assim: **Dicionário — Pôrto Alegre — 52213 A**. Desejando-se encomendar 10 ou mais exemplares, não é necessário transmitir a letra **A**.